



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA DO CARMO LIMA BEZERRA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E OS FATORES QUE
INFLUENCIAM O FRACASSO ESCOLAR.

ITAPORANGA-PB
2014

MARIA DO CARMO LIMA BEZERRA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E OS FATORES QUE INFLUENCIAM O
FRACASSO ESCOLAR.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a Íris Maria Barbosa Alves

ITAPORANGA-PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B574d Bezerra, Maria do Carmo Lima

Dificuldades de aprendizagem e os fatores que influenciam o fracasso escolar [manuscrito] : / Maria do Carmo Lima Bezerra. - 2014.

50 p. : il.

Digitado.

Monografia (Curso de Especialização Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Íris Maria Barbosa Alves, Departamento de Pedagogia".

1. Dificuldades de aprendizagem. 2. Fracasso escolar. 3. Ensino médio. I. Título.

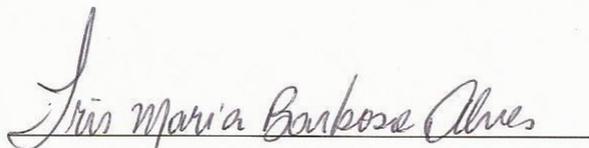
21. ed. CDD 371.926

MARIA DO CARMO LIMA BEZERRA

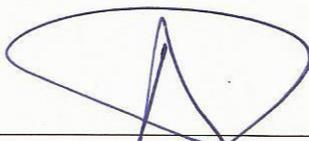
**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E OS FATORES QUE INFLUENCIAM O
FRACASSO ESCOLAR.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

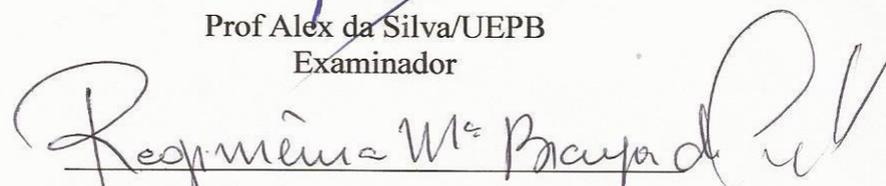
Aprovada em:14/06/2014.



Profª Íris Maria Barbosa Alves / UEPB
Orientadora



Prof Alex da Silva/UEPB
Examinador



Profª Regimênia Maria Braga de Carvalho/UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

A minha família, cujos ensinamentos fizeram com que eu buscasse novas experiências, pelo apoio, compreensão e bondade, constantemente me incentivando na minha caminhada;

À professora Iris Barbosa, que com seus conhecimentos, transmitiu-nos orientação e experiências com dedicação e carinho. Mostrou o caminho além das teorias, uma vez que à prática é o que se faz realizar um bom trabalho. Expresso o meu respeito a quem não se preocupou apenas em ensinar, mas sim, a nos conscientizar de quanto cada trabalho realizado é importante. Logo o que dedicamos será sempre pouco diante do muito que nos foi oferecido.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela concessão dos dons de vitória, implantados no meu íntimo e por uma vontade maior de vencer;

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pelo curso oferecido e oportunamente por mim adquirido;

Ao coordenador do Curso de Especialização Fundamentos da aprendizagem e Práticas Pedagógicas, professor Alberto, que, incentivando-nos, tornou mais fácil à consecução do curso;

Aos Mestres, que com a distribuição de seus conhecimentos e a consequente disposição de ensino, deram novo alento à profissão que ora abraçamos;

Aos colegas, que muitos contribuíram para que juntos pudéssemos realizar os nossos objetivos comuns e lutar contra toda desesperança, para vencermos esta etapa de nossa carreira;

A todos que, de uma forma direta ou de outra, muitas vezes anonimamente, para que fosse alcançado mais este objetivo de minha vida.

RESUMO

As dificuldades de aprendizagem estão refletidas no meio educacional como fator condicionante do fracasso do educando no processo de ensino e aprendizagem, na preparação para o mundo do trabalho e no acesso ao exercício pleno da cidadania. A presente pesquisa tem como objetivo discutir as dificuldades de aprendizagem e os fatores correlacionados ao fracasso escolar através, inicialmente, de um estudo bibliográfico sobre o papel dos envolvidos nesse processo. Utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica aplicada com revisões literárias de trabalhos e publicações acadêmicas de autores tais como Arroyo (2000), Vasconcellos (1998), Zanella (2001), Gadotti (1998), Ferraço (2008), entre outros. Fizemos análise de textos, leituras e fichamentos. Também realizamos pesquisa qualitativa, junto a 24 alunos do 3º ano do ensino médio, da Escola Estadual e Ensino Médio Adalgisa Teódulo da Fonseca, localizada no município de Itaporanga – PB, objetivando identificar quais os principais fatores causadores do fracasso escolar, apontando os fatores que influenciam a relação sucesso/fracasso escolar. As abordagens imprimem a necessidade de uma revisão constante da temática no ambiente escolar para que educandos tenham acesso a um ensino de qualidade com funções e papéis definidos de cada um envolvidos nesse processo. Desta forma o trabalho contribui para ampliar as discussões no âmbito da aprendizagem e abordar a realidade das escolas estudadas, construindo um momento de reflexão para traçar metas e ações na qualidade da educação.

PALAVRAS-CHAVE: dificuldades de aprendizagem. fracasso escolar. ensino médio.

ABSTRACT

The learning difficulties are reflected in the educational environment as a determining factor of failure of learner in the teaching and learning process, in preparation for the world of work and access to full citizenship. This research aims at discussing learning disabilities and factors correlated with school failure through a literature study on the role of those involved in this process. Used as a methodological procedure applied literature with literature reviews of academic publications and works of authors such as Arroyo (2000), Vasconcellos (1998), Zanella (2001), Gadotti (1998), Ferração (2008), among others. We analysed of texts, readings and record keeping. We also conducted qualitative research, along with 24 students of the 3rd year of high school, the State and Education School Middle Adalgisa Teódulo da Fonseca, located in the municipality of Itaporanga - PB, aiming to identify the main drivers of school failure, pointing out the factors that school success/failure influence the relationship. Approaches impress the need for a constant review of the subject in the school environment so that students have access to a quality education with defined functions and roles of each one involved in this process. The study contributes to broaden discussions within learning and address the reality of the schools studied, building a moment of reflection to set goals and actions in education quality.

KEYWORDS: learning schooling. failure motivation. citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I – FRACASSO ESCOLAR: UM OLHAR SOB A DIFICULDADE DOS ALUNOS.....	13
CAPÍTULO II – A RELAÇÃO DA ESCOLA COM O FRACASSO ESCOLAR.....	16
CAPÍTULO III – A RELAÇÃO PROFESSOR, ALUNO, CURRÍCULO E FRACASSO ESCOLAR.....	18
CAPÍTULO IV – A PESQUISA: COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	21
4.1 Tipo de pesquisa.....	22
4.2 Campo de pesquisa: estruturando (socializando a escola).....	22
4.3 Sujeitos da pesquisa.....	27
4.4 Análise dos dados.....	27
4.4.1. Discussões sobre a repetência escolar e dificuldades de aprendizagem..	30
4.4.2. O aluno estudante/leitor.....	36
4.4.3. A importância da presença dos pais no âmbito escolar.....	38
4.4.4. Problematisando o fracasso escolar e sua relação com processo de ensino aprendizagem.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICES.....	50
APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	51

INTRODUÇÃO

A educação é o fator fundamental que prepara o indivíduo para exercer sua cidadania no contexto social em que está inserido, encaminhando-o para sua realização intelectual e profissional. É pela educação que o homem torna-se capaz de enveredar pela busca do sucesso, mediante a qualidade do ensino e aprendizagem que foram apreendidos durante sua vida escolar. Portanto, faz-se necessário que, na infância e na adolescência, crianças e adolescentes tenham uma educação de qualidade, para que não venham contribuir com a repetência e evasão escolar, que os levam ao fracasso escolar.

É importante que a escola cumpra a sua função social, não sendo apenas transmissora de informações longínquas dos alunos. Faz-se necessário que o conhecimento transmitido seja de acordo com a atualidade, já que eles vivem em um ambiente no qual a tecnologia está ao alcance de quase todos que fazem a sociedade, não precisando trabalhar teorias oriundas de séculos passados. Não de ter, portanto, uma educação de qualidade na qual possam desenvolver cognitivamente a aprendizagem, imprescindível à vivência do protagonismo que irá lhes dar a capacidade de compreender e interpretar o contexto social em que vivem, uma vez que ser participativo supõe mais conhecimento do que acúmulo de informações impróprias à realidade dos alunos, mas atividades que desenvolvam o pensamento lógico e, ainda, o conhecimento científico.

É urgente que as entidades responsáveis pela educação escolar assumam compromisso com o processo educativo. Infelizmente, no Brasil, cerca de um milhão de jovens entre 15 e 17 anos ainda estão fora das escolas; há os que frequentam a escola, porém sem obter sucesso no desempenho escolar, ou seja: obtêm fracasso escolar.

Para Madalóz, Scalabrin e Jappe (2012), o tema fracasso escolar, por ser polêmico e também importante, necessita de atenção no âmbito escolar, estando no centro de “constantes discussões por estar intimamente atrelado a questões como: reprovação, evasão, indisciplina, erro, fracasso e insucesso escolar”. (p. 01)

Os referidos autores lembram que experiências de sucesso e fracasso são comuns a todos os seres humanos, independentemente de credo, gênero, classe, condição sexual etc. Entretanto, ao “juntar-se ao termo “escolar” sua sonoridade nos desloca para uma realidade a qual conhecemos (...) muito bem, por estarmos mergulhados neste contexto: a escola”. (id)

Na mesma ótica que chegamos ao sucesso, podemos fracassar ou ter insucesso e provarmos a derrota. As incursões e escolhas feitas durante o processo interferem (in) diretamente para tal. A escola propõe-se a produzir o sucesso através do ensino e aprendizagem, todavia, o que se evidencia nas últimas décadas é um declínio do seu papel “formador” em meio a uma crise política e existencial que produz o fracasso. (MADALÓZ; SCALABRIN; JAPPE, 2012, p. 01-02)

Segundo os citados autores, o conceito fracasso escolar parece resumir toda a insatisfação e insucesso decorrente de posturas docentes e discentes vivenciadas cotidianamente da sala de aula. É nesse sentido que refletir o fracasso escolar é pensar, também, em reprovação. Afirma Torres (2004, *apud* MADALÓZ; SCALABRIN; JAPPE, 2012, p. 02), é “a solução interna que o sistema escolar encontra para lidar com o problema da não aprendizagem ou da má qualidade de tal aprendizagem”. Porém, termos como retenção, recuperação, ou tantos outros sinônimos, são empregados para caracterizar a palavra fracasso, que conquista mais força quando é empregado para qualificar a “incapacidade” que um aluno possui para aprender ou assimilar algo. (MADALÓZ; SCALABRIN; JAPPE, 2012)

Diante do exposto, esse texto terá como linha norteadora à reflexão e discussão crítica sobre a função social da escola, buscando entender os fatores que contribuem para o fracasso escolar do aluno dentro do processo de ensino e aprendizagem.

O objetivo desse trabalho, então, não é sanar com a deficiência que norteia a não aprendizagem do aluno, levando-o a evadir-se, e isso o encaminha ao fracasso escolar, impedindo-o de ser um indivíduo que não terá uma participação efetiva na sociedade. Portanto, há a pretensão de enveredarmos por uma direção que nos leve a analisar as causas e efeitos do fracasso escolar, fazendo uma análise crítica a partir da comunidade escolar que as crianças e adolescentes frequentam ou frequentavam para detectarmos o porquê da falta de desempenho escolar do aluno. Há ainda a exclusão em sala de aula, uma vez que a nossa clientela é heterogênea e a escola não está adequada para se inserir nesse processo de socialização.

De acordo com Arroyo (2000, p.46),

Estamos num momento particularmente sensível às velhas realidades: as desigualdades e os múltiplos processos de exclusão e marginalização. Os educadores não poderiam ser diferentes. Retomamos velhos seriados tão atuais: as desiguais oportunidades socioculturais da infância pobre e os perenes mecanismos de exclusão de nosso sistema escolar. O fracasso volta, ou melhor, nunca nos abandonou. As motivações para tanta sensibilidade são diversas, desde o medo aos conflitos sociais, à violência dos meninos de rua, até aos velhos ideais de uma escola igualitária, passando pela redução de custos na administração de reprovados repetentes.

Dessa forma, a resistência dos professores à promoção de seus alunos, mediante o currículo determinado pelo sistema de ensino que não está direcionado à realidade dos alunos, logo estes quando reprovados, criam elementos que podem culminar com o fracasso escolar. O autor aponta que a reprovação escolar se constitui numa “renúncia à educação”.

Segundo Vasconcellos (1998), existe urgência de uma prática de avaliação inclusiva aplicada no sistema educacional brasileiro, tendo em vista sua longa história no sentido contrário, seja de exclusão do acesso ao conhecimento e contribuição específica da escola na formação da cidadania, através da reprovação (seguida de evasão), seja da sua trajetória mais recente de aprovação sem aprendizagem. Temos ciência de que essa exclusão no interior da escola não se dá apenas pela avaliação e sim pelo currículo como um todo (objetivos, conteúdos, metodologias, formas de relacionamento). No entanto, além do seu papel específico na exclusão, a avaliação classificatória acaba influenciando todas estas outras práticas escolares.

É, portanto, responsabilidade do sistema educacional apontar medidas que venham favorecer formulações de políticas e ações, e ainda apresentar soluções que norteiam as práticas de ensino, envolvendo o planejamento das ações dos professores quanto à didática, à avaliação, ao currículo, e ainda às relações dos que formam a comunidade escolar.

O fracasso escolar é uma temática que tem levado o sistema educacional a promover grandes debates com os atores envolvidos no processo, pois numa Educação democrática todos devem ter acesso a uma aprendizagem eficaz, respeitando a maneira de assimilação do conhecimento de cada um, independente da classe social, cultura, etnia etc.

Apesar das escolas se empenharem para proporcionar um ensino de qualidade, que leve ao sucesso, ainda se deparam com um grande número de alunos que não atingem a aprendizagem desejada, constituindo o fracasso escolar. É comum ver na educação divergências, discussões em torno do assunto, já que especialistas e profissionais da educação buscam meios que possam amenizar o problema, com o propósito de discutir o fracasso como um elemento resultante da integração de várias forças que englobam o espaço institucional, espaço das relações entre docentes e estudantes, a família e a sociedade em geral. São notórios alguns avanços de diferentes experiências que têm como objetivo superar as dificuldades encontradas pelos alunos em relação à aprendizagem e em relação à preocupação com uma escola mais inclusiva e democrática. No entanto, ainda não temos resultados concretos quanto

ao aproveitamento escolar de toda uma geração de estudantes que fora submetida a tais políticas de ensino.

Finalmente, o que motivou o estudo sobre esta temática é que o fracasso escolar vem sendo o principal responsável pelo grande índice de pessoas que chegam à fase adulta sem ter alcançado o sucesso escolar. Assim, através de uma pesquisa, realizada junto aos alunos do 3º ano do ensino médio, matriculados na Escola Estadual e Ensino Médio Adalgisa Teódulo da Fonseca, localizada no município de Itaporanga – PB, objetivamos identificar quais os principais fatores causadores do fracasso escolar, apontando as causas que influenciam a relação sucesso/fracasso escolar, segundo o discurso desses alunos, respondendo ao seguinte questionamento: o fracasso escolar é o resultado de um conjunto de fatores, ou ele deve ser associado apenas à falta de interesse em aprender? Com base nesse questionamento, direcionaremos o nosso olhar para o ambiente de aprendizagem do educando e para as relações que são mantidas ao longo do processo de ensino aprendizagem. A coleta de dados foi realizada usando como instrumento um questionário com perguntas abertas e fechadas.

CAPÍTULO I – FRACASSO ESCOLAR: UM OLHAR SOB A DIFICULDADE DOS ALUNOS.

O fracasso escolar é colocado no âmbito do discurso pedagógico como uma das consequências de um ensino e de uma aprendizagem em crise que precisam ser reformulados para que atinjam de fato o desenvolvimento do educando. Quando colocamos as discussões sobre o fracasso escolar, logo entramos num campo amplo e polêmico que é a aprendizagem, pois entendemos que quando o educando aprende, logo ele estará apto a atuar na sociedade em que vive de forma autônoma.

Zanella (2001) esclarece que o ser humano aprende em qualquer etapa, situação ou momento de sua vida, modificando a si mesmo e ao mundo. Essa modificação pode ocorrer de forma consciente. Somente o conhecimento é capaz de traduzir o homem, dizer de ser emblemático, razão da história que motiva e gera discussões complexas. Weiss (2004, p. 26), por sua vez, destaca a ideia básica de aprendizagem como sendo:

[...] um processo de construção que se dá na interação permanente do sujeito com o meio que o cerca. Meio esse expresso inicialmente pela família, depois pelo acréscimo da escola, ambos permeados pela sociedade em que estão. Essa construção se dá sob a forma de estruturas complexas.

Logo, entendemos que na visão dos autores citados o conhecimento é de fato um elemento resultado de um conjunto de fatores e de situações interligadas. O educando precisa ser visto como um ser humano que aprende de forma ilimitada, basta ser estimulado e motivado para isso. As nossas escolas precisam estar equipadas de recursos materiais e humanos para que os alunos possam ser envolvidos nesse processo significativo que é aprender, e aprender com a qualidade para um mundo que o aguarda.

Quando observamos a parcela do educando no contexto do fracasso escolar, logo estamos nos questionando a respeito do papel da escola, do professor, a qualidade das aulas e o próprio interesse do educando em aprender e assimilar o conteúdo tendo autonomia para exercer esse conhecimento. Sabemos que para aprender, o educando depende de uma série de fatores tais como inteligência, motivação, maturação, percepção, assim como do próprio potencial do indivíduo, o que também está ligado ao seu estado orgânico e emocional. Em muitas situações, o aluno do ensino médio busca na escola uma preparação para o mundo do trabalho, para a vida acadêmica e quando chega à etapa final do ensino médio apresenta baixo

rendimento escolar e desmotivação para prosseguir com os estudos. A ausência de motivação é um dos elementos geradores do fracasso escolar. Na visão de Piletti (1991, s/p):

Motivar significa predispor o indivíduo para certo comportamento desejável naquele momento. O aluno está motivado para aprender quando está disposto a iniciar e continuar o processo de aprendizagem, quando está interessado em aprender certo assunto, em resolver um dado problema, etc.

A motivação é um elemento essencial para aprendizagem. Ela cria condições e ambientes favoráveis para que o aluno se integre com os fatos, os acontecimentos a sua volta, entende o significado de aprender e como usufruir essa aprendizagem. Nesse sentido, Parolin (2005, p. 44) coloca que:

A aprendizagem acontece em um movimento de construção e reconstrução de nós mesmos, do outro, da realidade que nos circunda e do próprio conhecimento. Tentar trabalhar em uma dessas instâncias isoladamente é ineficaz, pois só iria dividir o que é indivisível.

Observamos que os alunos do Ensino Médio precisam dessa motivação, pois quando egressos da escola serão os multiplicadores dessa inovação das aulas, da dinamização dos conteúdos, dessa preocupação com o rendimento escolar. Isso, geralmente, ocorre nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Costuma discutir-se muito o rendimento escolar dos alunos do Ensino Fundamental I e II; e dos alunos do Ensino Médio, muitas vezes precisam desse diálogo para obter uma aprendizagem significativa.

Outro ponto importante que podemos colocar como um dos fatores que causam o fracasso escolar é ausência de um olhar do educador para entender como o educando aprende, pois em muitos casos o professor e a escola rotulam o educando e que este logo passa a ser visto como o inteligente ou o incompetente. Segundo Pain (2009), no ambiente escolar se faz necessário o reconhecimento de cada aluno com a sua subjetividade, com o seu modo de aprender. Ou seja, considerar que ele é um ser humano único em desenvolvimento. Porém, observamos nas salas de aula que a diversidade é acentuada. Existem os estereótipos tais como: o “fera”, o “nerd”, o “folgado”, os que não “aprendem”, os “problemáticos” os que apresentam deficiência de Leitura e Escrita, entre outros. Essa classificação tende a afetar a aprendizagem, pois logo vamos ter a classe dividida, rotulada e tendenciosa a uma estatística entre os quadros do fracasso escolar.

A exclusão é uma das dificuldades que o educando encontra no contexto da

aprendizagem, pois, segundo Arroyo (1997, p. 13) “a cultura da exclusão está materializada na organização e na estrutura do sistema escolar. Ela está estruturado para excluir”. Muitas vezes essa exclusão é feita por falta de percepção da escola em seu conjunto, que exclui os que não estão “aptos” a prosseguirem com os estudos e mantêm os demais na sua linha conservadora e excludente.

Isolar o educando, dar a ele a responsabilidade sob seu sucesso ou fracasso escolar sem entender sua realidade, seu contexto de vida, sem analisá-lo como um ser que possui habilidades a ser desenvolvidas, está ainda inserido em muitos discursos práticos do cotidiano da sala de aula. Nessa linha, Costa (1994, p. 19) faz a seguinte observação: “procurando considerar esse aluno que fracassa não como um indivíduo isolado, mas situado num contexto, produto de uma classe social. Pretende-se poder fazer uma mediação entre o indivíduo e o social.” Podemos interpretar e conduzir essa linha de afirmação de Costa (1994) para a responsabilidade em conjunto de escola e sociedade, pois o ser humano não se individualiza quando ingressa na escola, continua parte integrante da sociedade que o aguarda para quando egresso puder atuar de forma autônoma, com senso crítico e responsabilidade com base em conhecimento adquirido numa relação recíproca de ensino e aprendizagem.

Associada a estas dificuldades, observamos também que a maioria dos pais do ensino médio não busca a escola para falar, escutar, entender os erros e congratular com os acertos. A família dos alunos do ensino médio procura menos a escola, pois acreditam que os filhos já podem assumir responsabilidades para resolver seus próprios problemas. O educando do ensino médio sente o peso da responsabilidade de responder pela aprendizagem, pelos seus atos, se preparar para a sociedade que os aguarda, decidir sobre sua vida após egresso da escola. No entanto, não devemos também colocar sob a família a responsabilidade pelo fracasso escolar, entendendo que sua parcela de culpa está inserida num contexto geral. Portanto, como diz Hoffmann (2001, p. 47):

Dificuldades de aprendizagem não é responsabilidade direta das famílias, mas dos profissionais que atuam nas escolas, bem como a questão das relações interpessoais no ambiente escolar. Não se pode esperar que os pais procedessem à alfabetização das crianças e jovens ou que os auxiliem a superar dificuldades em matemática, química, e outras áreas. Muitas dificuldades dos alunos são de natureza epistêmica e exigem alternativas didáticas, sendo, portanto, responsabilidade dos professores.

Tudo isso somado aos questionamentos levantados observamos essa necessidade de olhar as dificuldades de aprendizagem dos educandos de forma mais coerente, menos rotuladora, de maneira que eles possam encontrar na escola um ponto de apoio para diminuir os quadros que relutam nas estatísticas educacionais quando se refere ao fracasso escolar.

CAPÍTULO II – A RELAÇÃO DA ESCOLA COM O FRACASSO ESCOLAR.

A escola pública precisa ser preparada para trabalhar com os diversos elementos que a realidade produz em cada estudante, vencendo as dificuldades que a pedagogia tradicional inseriu no procedimento de ensino, tornando a aprendizagem insipiente, levando o alunado ao fracasso escolar, que poderia ser sanado com metodologias adequadas ao cotidiano de seus alunos.

É importante trazer para a escola a realidade, ou seja, a diversidade que se encontra na sociedade, para que se sintam parte da escola, dando-lhes a ideia que aquela não é diferente do mundo que os habitam. Precisa-se melhorar também o sistema de educação que é lento, não conseguindo acompanhar as mudanças da sociedade, o que determina muitas vezes o fracasso escolar dos educandos por essa falta de correlação entre a sua vida social e a estrutura que a escola comporta. A escola precisa levar em conta a visão de mundo que o educando tem, uma vez que isso não for considerado poderá margear o fracasso muito antes do que se espera.

A escola é peça fundamental no processo educativo, porém Ceccon, Oliveira e Oliveira (1982, p. 23) afirmam que nem sempre ela garante o sucesso:

Todo mundo espera que a escola cumpra seu papel que é o de fornecer instrução, qualificação e diploma a todos. Na verdade, a escola produz muito mais fracassos do que sucesso, trata uns melhores do que os outros e convence os que fracassam de que fracassam porque são inferiores, ela só educa e instrui uma minoria. A grande maioria é excluída e marginalizada.

A escola contribui e muito para o fracasso, já que é fruto do capitalismo e almeja a seleção dos melhores, gerando uma desigualdade entre a comunidade escolar, que em vez de promover educação de qualidade para todos de forma igualitária, apenas investe nos mais sucedidos, excluindo os demais alunos que vão perdendo o estímulo em estudar. Ainda de acordo com Ceccon, Oliveira e Oliveira (1982 p.73), “seu objetivo é só promover aquela minoria de alunos que ela considera mais espertos e capazes de aprender. Os outros que se danem”. Esse é talvez um dos pontos mais críticos que temos visto com relação ao fracasso escolar. Pois, segundo as leis que regem o sistema educacional, a educação é um bem comum a todos, não devendo despertar a discriminação, respeitando a diversidade e o tempo de

aprendizagem de cada aluno. No entanto, o que mais temos são alunos cada vez mais excluídos.

Logo, a escola passa a promover a exclusão de seus alunos, privilegiando um pequeno grupo e deixando a maioria a mercê da marginalização, uma vez que não se adaptaram ao perfil determinado por ela. A sociedade precisa de uma escola de qualidade, que seja instrutora e forneça conhecimentos satisfatórios a todos. Entretanto, existem fatores que contribuem mais para a falta de aprendizagem, uma vez que a clientela é heterogênea, pois temos alunos com deficiência de aprendizagem, não chegando ao distúrbio, mas que necessitam trabalhar para ajudar no sustento da família e isso é visto como prejudicial no aprendizado deles. Portanto, fracassam porque não satisfazem à escola no conceito de ensino e aprendizagem. E a responsabilidade do fracasso compete ao aluno e não à escola, que assim como a sociedade também exclui os que são desprovidos de bens materiais, como se esses não tivessem capacidade aprender. Nessa linha de pensamento, Ceccon, Oliveira e Oliveira (1982 p. 81) enfatizam:

A maneira como a escola está organizada é o resultado da organização da sociedade em seu conjunto. Os mais pobres são marginalizados pela escola do mesmo jeito que são explorados no plano das relações de trabalho e impedidos de participar da vida política. A escola não é democrática, porque a sociedade em que vivemos ainda não é verdadeiramente democrática. Os donos do saber são também os donos do poder e os pobres são excluídos tanto na escola quanto na participação das decisões. A escola, portanto é parte integrante desta sociedade injusta e desigual, em que a regra de comportamento é cada um por si e salvem-se quem puder.

A escola que é direito é todos, é discriminatória, e não satisfaz do ponto de vista quantitativo e qualitativo. Ela é incapaz de fornecer uma educação igualitária a todas as classes, gerando o fracasso e acentuando as desigualdades sociais.

Logo, a escola não está conseguindo atender sua clientela com qualidade, nem com a igualdade dos direitos garantidos. A sua cultura tem promovido à repetência e tem mostrado que a evasão somente se torna significativa depois de uma longa permanência dos alunos na escola. Soares (2002, p. 15) responsabiliza a escola quando diz:

A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes; assim, o aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões culturais que não são os seus e que são apresentados como “certos”, enquanto os seus próprios padrões são ou ignorados como inexistentes, ou desprezados como “errados”. Seu comportamento é avaliado em relação a um “modelo”, que é o comportamento das classes dominantes; os testes e provas a que é submetido são culturalmente preconceituosos, construídos a partir de

pressupostos etnocêntricos, que supõem familiaridade com conceitos e informações próprios do universo cultural das classes dominantes. Esse aluno sofre, dessa forma, um processo de marginalização cultural e fracassa, não por deficiências intelectuais ou culturais, como sugerem a ideologia do dom e a ideologia da deficiência cultural, mas porque é diferente, como afirma a ideologia das diferenças culturais. Nesse caso, a responsabilidade pelo fracasso escolar dos alunos provenientes das camadas populares cabe à escola, que trata de forma discriminativa a diversidade cultural, transformando diferenças em deficiências.

Os alunos oriundos da classe menos favorecida são colocados em desvantagens em relação aos da classe dominante, que têm uma cultura diferenciada, têm capacidade de assimilar mais do que aqueles, que possuem o poder de conhecimento limitado, ou seja, não são capazes de qualquer tipo apreensão. Para Cury (2003), os professores e alunos vivem juntos durante anos dentro da sala de aula, porém são estranhos uns para os outros. Eles se escondem atrás dos livros, das apostilas, dos computadores. A culpa não é dos professores, mas do sistema educacional em crise que se arrasta por séculos. E acrescenta que as crianças e os jovens aprendem a lidar com fatos lógicos, mas não sabem lidar com fracassos e falhas. Aprendem a resolver problemas matemáticos, mas não sabem resolver seus conflitos existenciais.

Assim, o fracasso escolar é um desafio que deve ser discutido entre o sistema de ensino, sociedade e escola, para que avance na melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem, buscando alternativas que contribuam para o sucesso escolar, inibindo, assim, o fracasso escolar que assola os alunos que vêm de uma classe sem privilégios.

CAPÍTULO III – A RELAÇÃO PROFESSOR, ALUNO, CURRÍCULO E FRACASSO ESCOLAR.

O ensino e a aprendizagem contemporâneos têm levantado muitos questionamentos acerca do papel do professor frente aos alunos e ao fracasso escolar. Para Gadotti (1998), faz-se mister que o professor se assuma enquanto um profissional do humano, social e político, tomando partido e não sendo omissos, neutros, mas sim definindo para si de qual lado está, para que não venha mais tarde defender um sistema de exclusão baseadas em teorias arcaicas que priorizam currículos, fórmulas, regras, em detrimento do ser humano e do desenvolvimento de suas potencialidades. O professor é essencial na construção de uma proposta mais eficaz e na execução de uma metodologia que priorize o educando e consiga com ela dinamizar as aulas,

descobrir habilidades, desenvolver competências.

No entanto, muitos profissionais se sentem desmotivados pelo próprio sistema que muitas vezes o obriga a permanecer amordaçado em suas velhas estruturas, por falta de um salário melhor, de uma formação adequada, situações conflituosas desenvolvidas no próprio contexto educacional. Tudo isso são fatores intervenientes que acabam conduzindo ao fracasso escolar.

Temos observado nas escolas que professores do ensino médio, especialmente da 3ª série, pautam suas aulas no conteúdo programático do vestibular, seguindo à risca as convenções curriculares sem se preocuparem com o ser social que está a sua frente com anseios, vontades, curiosidades e interesses muitas vezes desvinculados a mera questão acadêmica. É necessário que os professores criem condições de aprendizagem significativas. E, por isso, Tardif (2002, p. 35) chama atenção para que o professor não seja unicamente um transmissor de “saberes elaborados por outros grupos”. Não seja apenas um depositário de conhecimento, contribuindo para o que Freire (1986) chama de “educação bancária”, mas que entenda o processo como um tempo de aprendizagem, de formação, compreendendo que o processo de ensinar exige uma formalização e uma sistematização adequada em relação aos educandos. Tardif, ainda, contribui com esse raciocínio, afirmando:

A relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já construídos. Sua prática integra diferentes saberes docentes com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais. Assim, os saberes produzidos na prática docente integram sua formação inicial. (2002, p. 36)

Nesse sentido Charlot (2000, p. 62-63) menciona:

É verdade que a prática mobiliza informações e saberes; e nesse sentido, é exato dizer-se que há saber nas práticas [...] Assim, um vendedor ou um professor de escola primária reagirá, por instinto, de maneira pertinente, e tal ou qual situação, o que não saberia fazer quem não tivesse a prática de venda ou de ensino. Isso é verdade, mas ainda, deve ser interpretado. Quem tem prática vive em um mundo onde percebe indícios que outras não verificam, dispõe de pontos de referência e de um leque de respostas dos quais outros estariam desprovidos.

Os professores tanto do ensino fundamental como do ensino médio têm um papel de mediar um conhecimento adequado, respeitando o educando ao passo que procura interagir com eles numa transmissão dinâmica, respeitando a diversidade e buscando dentro de um

projeto sólido a construção de um conhecimento eficaz e significativo. Numa relação de construção de saberes mútuos, os professores mantêm com os alunos uma relação de aprendizagem recíproca, priorizando a vida social e cultural deles de modo que as aulas possam estar associadas a um momento de encontro entre o conhecimento e o próprio protagonista desse conhecimento.

Outro elemento fundamental na análise do fracasso escolar é a questão do currículo. Há necessidade de saber o que ensina, para quem ensina, como ensina, e por que ensina, já que estamos tratando do currículo escolar que determina as ações que são planejadas e determinadas pelo sistema de ensino e aplicadas nas escolas, isto é, as diretrizes elaboram o que deve ser trabalhado na sala de aula, sem fazer uma diagnose de quem vai ser ensinado. Portanto, o professor deve adequar-se essas diretrizes aos alunos, de acordo com a necessidade de cada um. É claro que o professor deve estar preparado tanto para as determinações do currículo, quanto ao conhecimento de seus alunos.

No sistema de ensino há restrições quanto à igualdade de oportunidades. Neste sentido Ferrazo (2008, p. 132) ressalta informações quanto ao currículo:

Reconhecendo que “o currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social” e que, pelo contrário, está fortemente comprometido com relações de poder que distribuem desiguais oportunidades de sucesso aos diferentes grupos socioculturais, tem vindo a ser questionado o papel dos agentes educativos locais na configuração de processos que intervenham ao nível das condições de seleção, transmissão e avaliação do conhecimento.

É preciso conhecer às diversas realidades para a execução de um currículo que seja interativo, como aborda Ferrazo (2008, p. 135-136):

Se quisermos uma “escola para todos” temos de reconhecer e conhecer as especificidades de cada contexto e de cada situação, os silêncios e as marginalizações. Este reconhecimento, do ponto de vista do exercício profissional, exige uma contínua procura dos “caminhos” e processos que sejam os mais adequados para cada situação, o que significa que exige uma intervenção ativa e crítica nos processos sociais e de configuração curricular.

O currículo é uma ferramenta fundamental, uma vez que preparará o aluno para ser cidadão. É importante que o profissional de educação escolar passe ao aluno que o desenvolvimento de ações de conhecimento, sua capacidade de agir e refletir, levando-o a conhecer o mundo, valorizar-se como pessoa capaz de agir na sociedade e até mudá-la. Quando se fala em currículo, imaginamos o conhecimento que nos traz. Realmente, currículo

é conhecimento, como também é identidade, já que através dele estão inseridas as diretrizes que contribuem para a aprendizagem dos alunos. Entretanto, faz-se necessário inserir esta cultura dos alunos, respeitando sua origem, seus valores, suas experiências, ou seja, adequando a vivência dos alunos.

Para Doll Jr. (1997), um currículo construtivo é aquele que emerge através da ação e interação dos participantes; ele não é estabelecido antecipadamente. É certo que não tem início, nem fim, há fronteiras e pontos de ligação. O currículo modelado em uma matriz que também é não linear e não sequencial, mas limitado e cheio de focos que se envolvem em uma rede relacionada de significados.

Diante dos estudos e questionamentos, observa-se que o fracasso escolar é resultado de vários fatores que influenciam o sistema educacional. Esse é elaborado através de uma política que atende aos anseios das classes dominantes e implantado nas escolas por meio do currículo, que por sua vez obedece ao sistema, transmitindo suas ideologias que às vezes não atende a todas as classes da sociedade.

Cabe à escola atender às necessidades do aluno, observando o seu cotidiano, sendo o elo no processo ensino e aprendizagem. É certo que a família também tem responsabilidade na educação dos filhos, e muitas vezes ela não participa ativamente, como deveria, uma vez que não foi preparada para tal função, principalmente a que precisa trabalhar para prover seus filhos. Portanto, o fracasso escolar pode ser resultado de uma corrente onde um fator está ligado ao outro. Como um círculo vicioso, o mau funcionamento de um é prejudicial para o bom desenvolvimento dos outros. Nesse caso, não se deve apontar um culpado, ou, então, dizer que tal fracasso é problema da dificuldade de aprendizagem do aluno, pois ele é apenas um elemento dentro de um sistema educacional que recebe influências de vários fatores que juntos podem determinar o fracasso escolar.

CAPÍTULO IV – A PESQUISA: COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A educação é um processo dinâmico a qual interage conhecimento intelectual com a realidade social do educando, gerando assim um vínculo entre realidade e escola à medida que os alunos utilizam desses momentos de aprendizagem para constituírem a base sólida na formação humana e intelectual necessária na etapa final da educação básica. No entanto,

como abordado anteriormente, um tema discursivo tem gerado no meio educacional longos momentos históricos de debates: o fracasso escolar.

Repensar a escolar, conduzir com clareza as discussões sobre o fracasso escolar deve ser um elemento importante na consolidação das respostas encontradas sobre as causas e as consequências desse processo que envolve uma conjectura de fatores: família, escola, aluno e sociedade onde cada uma delas apresenta sua parcela de contribuição para que esse fenômeno cresça historicamente. Aqui o fracasso escolar será problematizado a partir da fala dos alunos entrevistados, jovens do 3º ano do ensino médio, entre 16 e 20 anos de idade.

4.1 Tipo de pesquisa

O estudo proposto foi desenvolvido com a utilização da abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento, não objetivando enumerar ou medir eventos e por isso, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados. A partir dessa compreensão, seu foco de interesse, além de ser amplo, parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. (MINAYO, 1993)

Na pesquisa qualitativa a coleta de dados é frequentemente verbal ou pela observação. A preocupação aqui é detectar o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador. (NEVES, 1996)

No caso específico da nossa pesquisa, a partir de entrevistas realizadas usando um roteiro semiestruturado (perguntas abertas) e, também, contendo algumas questões objetivas, procuramos detectar as representações que alunos do 3º ano do ensino médio, da Escola Estadual e Ensino Médio Adalgisa Teódulo da Fonseca, construíram em relação às dificuldades de aprendizagem e fracasso escolar.

4.2 Campo de pesquisa: estruturando (socializando a escola)

A Escola Estadual e Ensino Médio Adalgisa Teódulo da Fonseca está situada na Rua João Silvino da Fonseca, S/Nº, no Bairro Xique-Xique, em Itaporanga-PB, na zona urbana, mais ou menos 500 metros da saída para o Município de Boa Ventura-PB.

Sua estrutura física fica bem localizada, uma vez que há calçamento em toda a rua que

dá acesso à mesma. Ainda podemos apresentar como construções fundamentais próximas à escola, como: em frente, a 7ª Regência Regional de Educação; atrás, construções de casas que servem a população civil; à esquerda, a Escola Normal Estadual Professor Francelino de Alencar Neves; e à direita, o “Ginásio Poliesportivo o Madrugão” o qual pertence à escola citada, servindo, ainda, a outras escolas e também às pessoas da cidade que praticam esportes e fazem uso daquele ambiente. Há ainda bem próximo à escola, a Suplan (Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado da Paraíba) o DETRAN (Departamento Estadual de Trânsito), a Escola Municipal Santa Mônica, o Ministério Público e o Fórum. Logo, vê-se que a escola está bem inserida geograficamente.

A área construída da escola ocupa uma boa parte do terreno em que foi construída. Seu perfil físico está distribuído da seguinte forma: 12 salas de aula; 03 salas que servem de diretoria, de secretaria e de professores; 02 conjuntos de banheiros; 01 cantina; 06 salas que são utilizadas para laboratório de informática, de robótica, de matemática, de ciências, de música e, ainda, para a biblioteca; 01 almoxarifado; 01 sala para o arquivo e 01 pequena sala que serve para a emissora de rádio da escola; o pátio que serve de refeitório. A escola é toda arborizada, proporcionando-lhe uma beleza natural, fazendo jus ao clima que é bastante quente, ajudando na ventilação. Há amplas galerias que dão acesso a todos os espaços dessa unidade de ensino. As salas de aula são amplas e claras e estão sendo climatizadas, melhorando, assim, a estrutura física que vai contribuir no conforto, ocasionando melhoria do ensino e da aprendizagem.

A referida escola pertence ao Sistema Estadual de Ensino e foi fundada em 1980. O terreno foi doado por Dr. José Silvino da Fonseca, Engenheiro Civil, filho de Itaporanga. Portanto, o nome da escola é uma homenagem à mãe desse doador que não mediu esforços para que o município tivesse uma escola que comportasse cerca de 1500 alunos, distribuídos em 03 turnos de ensino, uma vez que recebia alunos de outras cidades, como: Boa Ventura, Diamante, São José de Caiana, Pedra Branca e Curral Velho, já que nelas não havia o ensino médio.

Com o reordenamento feito pela Secretaria Estadual de Educação da Paraíba, em 2006, a escola deixou de oferecer a modalidade do ensino fundamental, ofertando apenas o ensino médio, e ainda lembramos que escolas de ensino médio foram criadas nos municípios citados anteriormente, que de certa forma acarreta uma diminuição acentuada de alunos na escola em questão. Em 2012 foi inserido o Programa de Ensino Médio Inovador (PROEMI),

que faz parte das políticas públicas do Governo Federal em parceria com o Governo Estadual. O ensino é oferecido de forma integral, no turno diurno, com aulas regulares, ou seja, das disciplinas ofertadas pelo currículo determinado pelo Sistema Educacional e oficinas que foram denominadas de macro campos (Leitura e Letramento, Acompanhamento Pedagógico, Iniciação Científica e Pesquisa, Participação Estudantil, Cultura e Fruição das Artes) que vêm contribuindo como elemento facilitador do ensino e da aprendizagem, já que nas oficinas são trabalhados projetos interdisciplinares que favorecem a participação efetiva dos alunos, uma vez que esse é feito tanto na escola como também fora dela. Há também o turno noturno que funciona o ensino médio regular com 04 turmas, sendo 1º D e F, 2º E e 3º E, e também 04 turmas do Pró-Jovem Urbano.

Em 2014 temos, então, 12 turmas no turno diurno que fazem parte do “Ensino Inovador”, sendo 1º A, B, C, D; 2º A, B, C, D; 3º A, B, C, D; com um total de 400 alunos, que passam o dia na escola, fazem 03 refeições e assistem a 09 aulas, entre aulas regulares e macro campos. No entanto, a estrutura física que foi apresentada anteriormente não é suficiente para que o alunado passe o dia na escola de forma confortável, apesar de termos dois conjuntos de banheiros, pois, paradoxalmente, não servem para banho, apenas para outras necessidades.

Temos alunos da zona urbana e rural e que vivem basicamente da agricultura, dos programas do governo federal, poucos têm pais que são funcionários públicos, e outros pais trabalham nas indústrias têxteis que, de certa forma, vêm contribuindo na diminuição do índice de pobreza do município. Vale salientar que muitos alunos precisam trabalhar para seu próprio sustento ou ainda ajudar na renda da família. E estes não percebem a escola como meio de formação profissional, já que não oferecemos o ensino profissionalizante e muitos representam a Universidade como algo bem distante de sua realidade, já que os pais não têm cultura escolar para incentivar os filhos a continuarem os estudos. Assim, muitos tomam a decisão de continuar ou não, independentemente da vontade dos pais, que, em sua maioria, nem sequer terminaram o ensino fundamental, alguns terminaram o ensino médio e poucos cursaram uma Universidade.

A gestão da escola é participativa, voltada para projetos sociais que contribuam para o fortalecimento do ensino e da aprendizagem, buscando os resultados que foram conquistados ao longo de uma vida escolar, ainda favorecendo a integração de toda equipe da escola, como gestores, técnicos de administração, coordenadores, professores, pessoal de apoio, alunos, e

ainda a presença dos pais nos eventos da escola e também na tomada de decisão que venha contribuir para o crescimento da comunidade escolar, pois só teremos uma escola democrática se houver interação entre todas as partes que a compõem. Para Libâneo (2002):

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática, possibilitando o envolvimento de todos os integrantes da escola no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. A participação proporciona melhor conhecimento dos objetivos e das metas da escola, de sua estrutura organizacional e de sua dinâmica, de suas relações com a comunidade e propicia um clima de trabalho favorável a maior aproximação entre professores, alunos e pais. Nas empresas buscam-se resultados por meio da participação. Nas escolas buscam-se bons resultados, mas há nelas um sentido mais forte de prática da democracia, de experimentação de formas não autoritárias de exercício do poder de oportunidade ao grupo de profissionais para intervir nas decisões da organização e definir coletivamente o rumo dos trabalhos.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola vem sendo elaborado com o intuito de desarticular as ações conservadoras que têm como meta seguir o currículo determinado pelo Sistema de Ensino. A Proposta Pedagógica da escola está voltada para o interesse dos alunos e o que ele traz e que almeja. Trata-se de um documento inovador, feito com a participação significativa da equipe da escola com ações que norteiam o ensino e a aprendizagem de qualidade e ações voltadas para o social, que são desenvolvidas junto com os pais de alunos. Nesse sentido, Luck (2002, p. 66), diz que:

A participação significa, portanto, a intervenção dos profissionais da educação e dos usuários (alunos e pais) na gestão da escola. Há dois sentidos de participação articulados entre si: a) a de caráter mais interno, como meio de conquista da autonomia da escola, dos professores, dos alunos, constituindo prática formativa, isto é, elemento pedagógico, curricular, organizacional; b) a de caráter mais externo, em que os profissionais da escola, alunos e pais compartilham, institucionalmente, certos processos de tomada de decisão.

Portanto, a escola deve ser capaz de desenvolver nos educandos aptidões para as práticas cultivadas durante sua vida escolar. O ingresso e a permanência dos alunos no ambiente escolar dependerão da forma como o ensino é direcionado, ou seja, se está havendo planejamento das ações, isto é, se estão sendo articuladas de forma a despertar o interesse dos alunos que almejam não só a aprendizagem, porém sua formação profissional que irá garantir também o seu futuro financeiro. O aluno deve sentir que a escola está voltada para a prática do desenvolvimento social, que deve ser o sujeito e exercer o seu protagonismo na sociedade em que está inserido.

Conforme Silva (1995), o aluno não é cliente da escola, mas parte dela. É sujeito que aprende, que constrói seu saber, que direciona seu projeto de vida.

Silva (1995, p. 52), a esse respeito diz ainda que:

A escola implica formação voltada para a cidadania, para a formação de valores-valorização da vida humana em todas as dimensões. Isso significa que a instituição escolar não produz mercadorias, não pode pautar-se pelo zero defeito, ou seja, pela perfeição.

Nesse sentido, e segundo os estudos realizados por Antunes (2000), acredita-se que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola, gestão, professores, pais, promovem para todos. O domínio dos conhecimentos e do desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, bem como a inserção no mundo e a constituição da cidadania também como poder de participação, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Qualidade é, pois, conceito implícito à educação e ao ensino.

Diante da globalização econômica, da transformação dos meios de produção e do avanço acelerado da ciência e da tecnologia, a educação escolar precisa oferecer propostas concretas à sociedade, preocupando-se em oferecer um ensino de qualidade que possa elevar a capacidade dos adolescentes e jovens para compreenderem o universo competitivo e os valores sociais, econômicos e culturais intrínsecos na formação pessoal e profissional ao qual estarão submetidos, uma vez a escola funciona como espaço de sociabilidade e seu Projeto Político Pedagógico precisa atender à necessidade dos jovens que a procuram. Portanto, os jovens buscam no espaço escolar uma formação que possa garantir sua sobrevivência através do trabalho, além de ampliar a relação social, identificando-os não apenas o status, mas como membro de uma cultura social. Para Bourdieu (1983, p. 115):

Ainda hoje uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem abandonar a escola e começar a trabalhar muito cedo é o desejo de ascender o mais rapidamente possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que lhes são associadas: ter dinheiro é muito importante para se afirmar em relação aos colegas, em relação às meninas, para poder sair com os colegas e com as meninas, portanto para ser reconhecido e se reconhecer como um 'homem'. Este é um dos fatores do mal-estar que a escolaridade prolongada suscita nos filhos das classes populares.

Portanto, a escola tem papel fundamental na socialização dos jovens, não devendo ser apenas reprodutora de uma aprendizagem fragmentada, desprovidos de perspectivas que venham vislumbrar seu interesse pelo espaço de integração entre jovens, escola e sociedade.

4.3 Sujeitos da pesquisa

Efetuamos esta pesquisa (coleta de dados) juntamente aos alunos do 3º ano do ensino médio, das quatro turmas diurnas, sendo entrevistados 06 alunos de cada turma (03 do sexo feminino e 03 do sexo masculino), totalizando 24 entrevistados, matriculados na Escola Estadual e Ensino Médio Adalgisa Teódulo da Fonseca.

A coleta de dados foi realizada por meio de um roteiro de entrevista com vinte e duas (22) questões, sendo seis questões objetivas e 18 questões subjetivas, direcionado aos alunos, que responderam o mesmo com o próprio punho. Tal coleta foi realizada mediante a permissão da gestora da instituição escolar.

É preciso evidenciar que para garantir o sigilo das falas dos alunos usamos códigos (letras e números) para diferenciá-los.

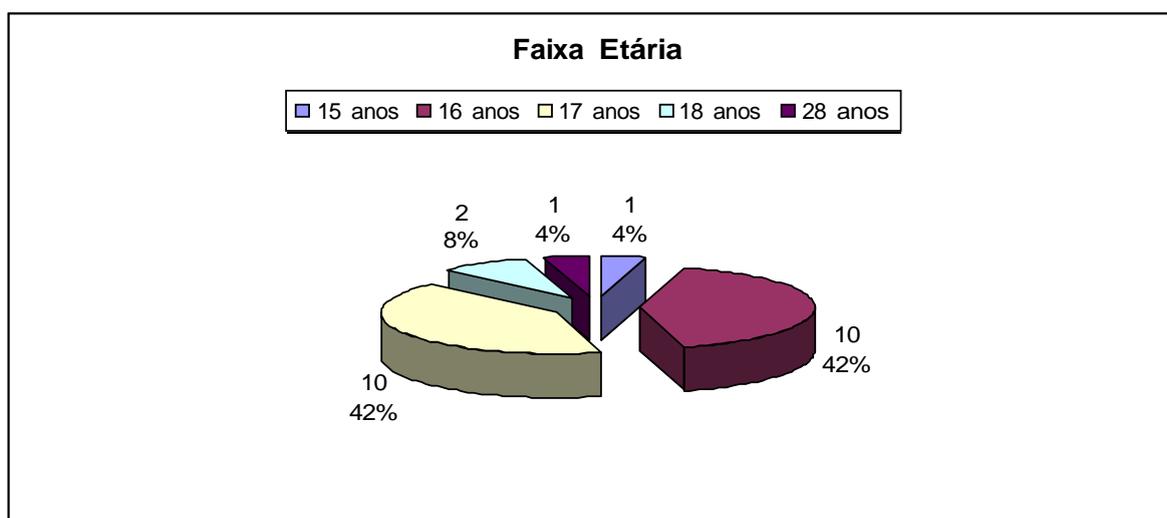
4.4 Análise dos dados

O questionário/entrevista foi aplicado no dia 13 de maio de 2014, com 24 alunos da EEEFM Adalgisa Teódulo da Fonseca, que estão cursando o 3º ano do Ensino Médio. A coleta de dados foi realizada no 3ª ano A, B, C e D, com seis alunos de cada turma, sendo três alunas e três alunos de cada turma, que foram consultados a respeito da pesquisa que seria problematizada em um trabalho monográfico a ser apresentado à UEPB. Portanto, anteriormente, foi perguntado se os mesmos podiam cooperar e que sua participação seria mantida em sigilo, pois não havia necessidade de se identificarem.

A aplicação do questionário/roteiro de entrevista aconteceu do seguinte modo: entregamos cópias do questionário/roteiro e solicitamos aos alunos que respondessem os mesmos, apresentando suas respostas escritas de próprio punho, pois se sentiam melhor, uma vez que não tinham o hábito de serem entrevistados e disseram que tinham medo de falar

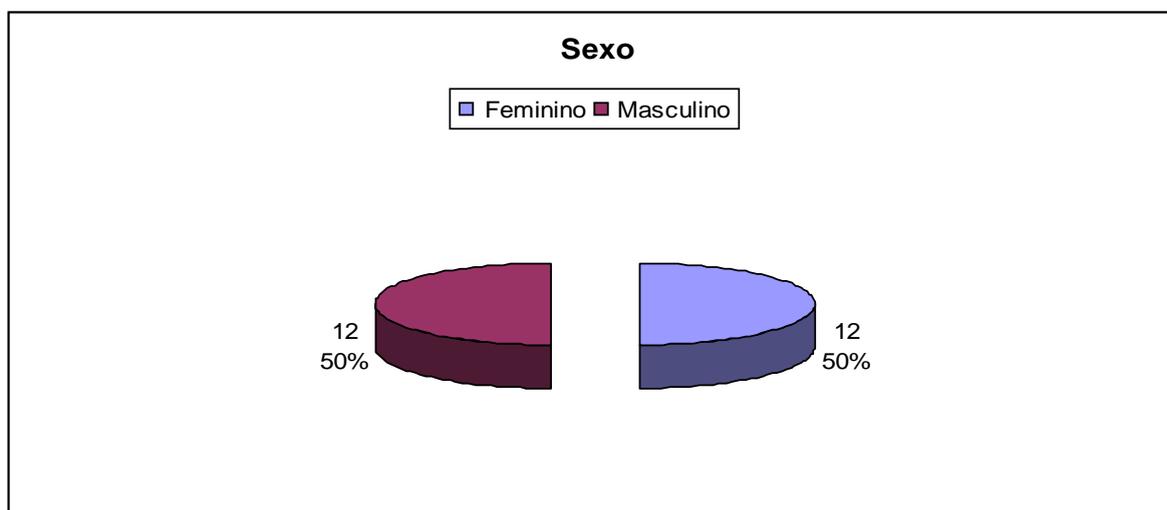
“errado”. Como o nosso objetivo era colher informações a partir de sua vivência na sala de aula, não vimos qualquer impedimento de fazer o trabalho desse modo. A coleta foi satisfatória, uma vez que todos participaram de forma efetiva, sem contar que outros alunos, sentiram-se excluídos por não participarem da pesquisa feita com os demais.

Quanto às perguntas, inicialmente perguntamos a idade dos alunos. Vejamos esses dados organizados no gráfico seguinte:

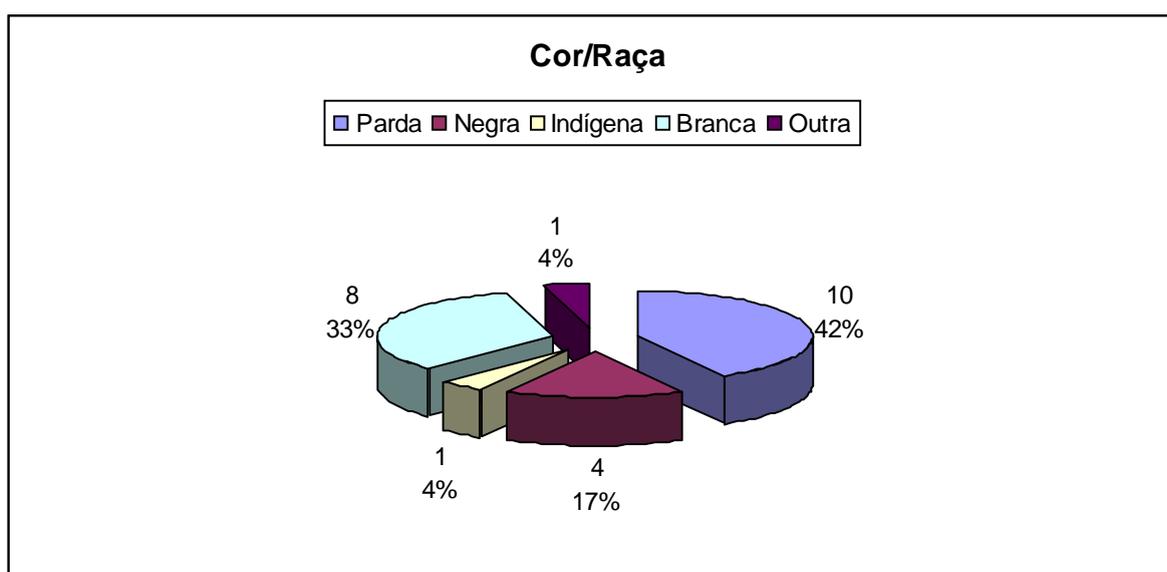


Percebemos, então, que o maior número de alunos está na faixa etária entre 16 (42%) e 17 anos (42%), totalizando 20 alunos (84%). Porém, temos dois alunos (8%) com 18 anos. Há também 01 aluno com 15 anos e outro com 28.

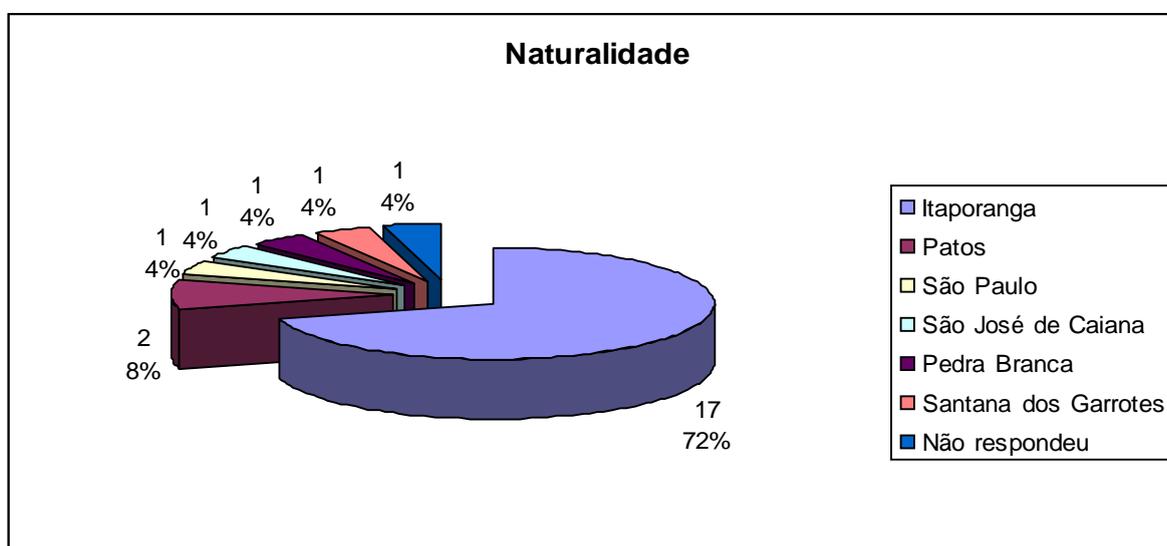
O gráfico seguinte mostra que dos 24 alunos entrevistados, 12 são do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Essa escolha foi proposital, ocorrida antes de serem aplicados os questionários.



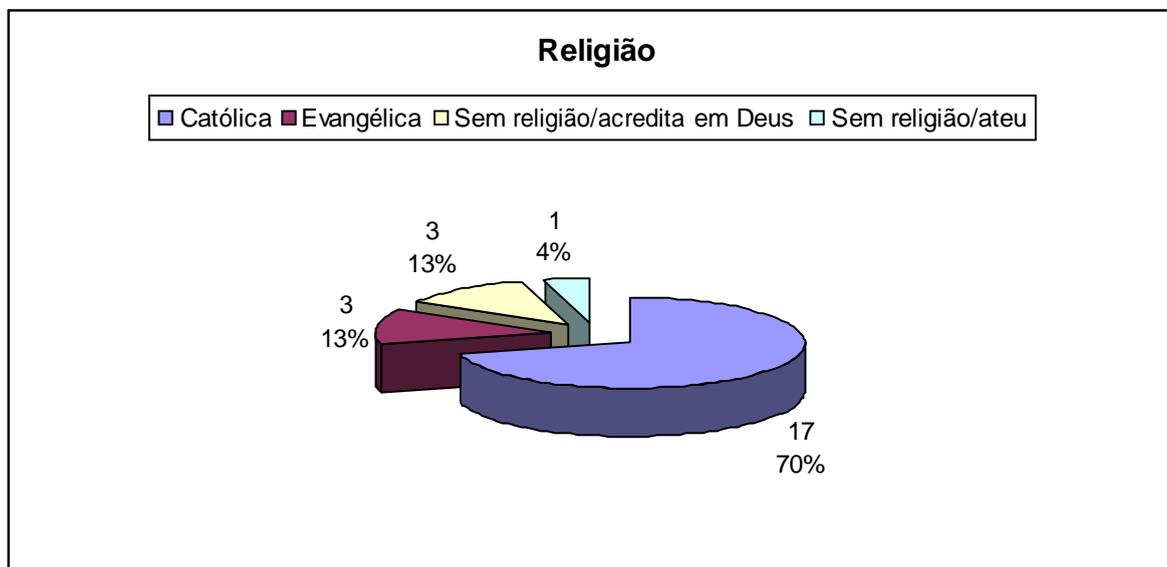
O próximo gráfico faz referência à cor/raça, apresentando os seguintes dados: 10 alunos (42%) são pardos; 08 alunos (33%) são brancos; 04 alunos (17%) são negros; 01 aluno (4%) é indígena; apenas 01 aluno (4%) não se identificou. Portanto, apesar de 42% dos alunos se identificarem como pardos, há, entre eles, alunos negros, mas que optaram em se identificarem como sendo pardos.



Os alunos entrevistados são oriundos de diversos municípios, como: 17 alunos (72%) de Itaporanga; 02 alunos (08%) de Patos; os municípios de São Paulo-SP, São José de Caiana, Pedra Branca, Santana dos Garrotes e não respondeu, apresentou apenas 01 aluno por cada município, que totalizou 4% para cada um dos municípios citados. Logo, o índice maior de alunos encontra-se no município onde a escola está inserida.



O próximo gráfico, o último que diz respeito ao perfil dos alunos, apresenta dados sobre a religião. Vejamos:



O número maior, em se tratando de Religião, é Católica, com 17 alunos (70%); Evangélica com 03 alunos (13%); sem religião, mas que acredita em Deus, 03 alunos (13%); e apenas 01 aluno (4%) não tem religião, porém não acredita em Deus, ou seja, é ateu. Logo, a maioria dos alunos entrevistados são católicos, mas observa-se que o número de evangélicos é o mesmo dos que não possuem religião, porém acreditam em Deus.

4.4.1. Discussões sobre a repetência escolar e dificuldades de aprendizagem

Segundo Torres (2004), a repetência é um dos maiores problemas escolares da atualidade, afetando a maior parte dos sistemas escolares do mundo. A escola como não sabe lidar com a questão da não aprendizagem e com má qualidade de seu ensino criou a repetência como solução desses problemas. Portanto, pensar a repetência é pensar na missão da escola, seu contexto e seus resultados.

Estudos realizados na América Latina mostram que as estatísticas oficiais em torno da repetência estão sendo subestimadas, enquanto que a evasão está sendo superestimada. Provavelmente esse fato se deve a falta de distinção entre as duas. Diante da problemática da repetência torna-se necessário uma maior preocupação com o tema conforme argumenta Torres.

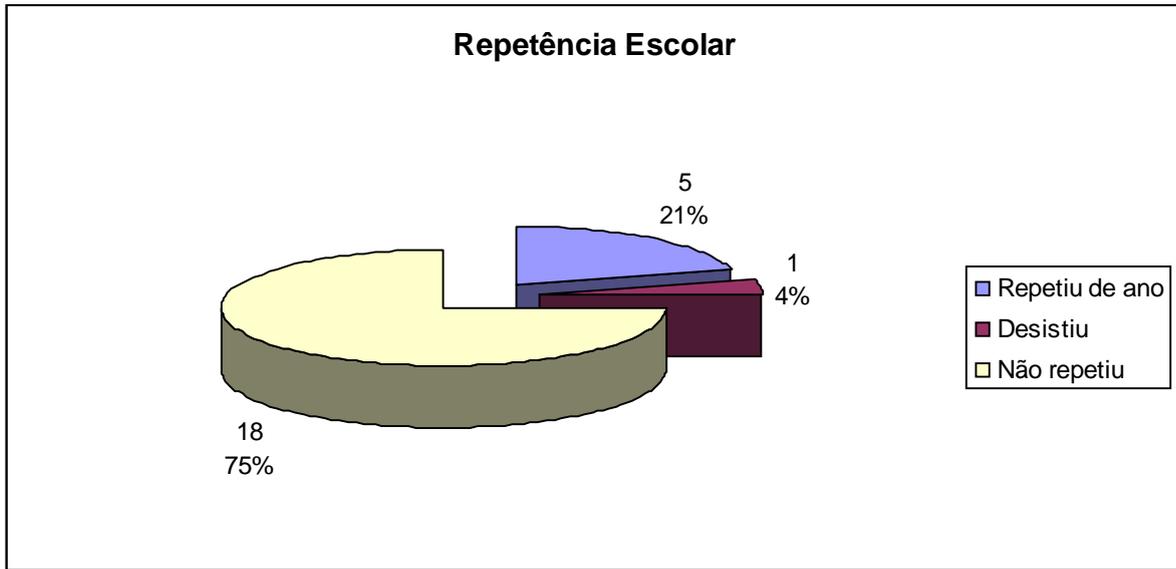
De qualquer forma, a magnitude crescente e cada vez mais evidente da repetência indica a necessidade de uma maior atenção ao problema, bem como ao registro, à documentação e à análise em torno do mesmo. Particularmente, é preciso questionar acerca das percepções que os distintos agentes vinculados à questão educacional na escola (professores, supervisores, diretores), a família e a comunidade possuem da repetência. Por outro lado, as lições e as experiências que deram bons resultados, de preferência as excepcionais, nos países que conseguiram manter baixos índices de repetência, ou reduzi-los consideravelmente, precisam ser exploradas. (TORRES, 2004, p. 37)

Hoje, o aluno sente dificuldade em assimilar os conteúdos, uma vez que são desassociados à sua vida. Pois vive a era digital, ou seja, o mundo da tecnologia, e não vê a escola como meio de inseri-lo no contexto social. Logo, o professor não vendo sucesso no que está sendo trabalhado em sala de aula, decide se o aluno será aprovado ou não. Os critérios para tal decisão são os mais variados; normalmente são baixas qualificações ou qualificações insuficientes para prosseguimento dos estudos em outro nível. É necessário observar que segundo avaliação e valores de tais professores se faz a constatação da não capacidade do aluno.

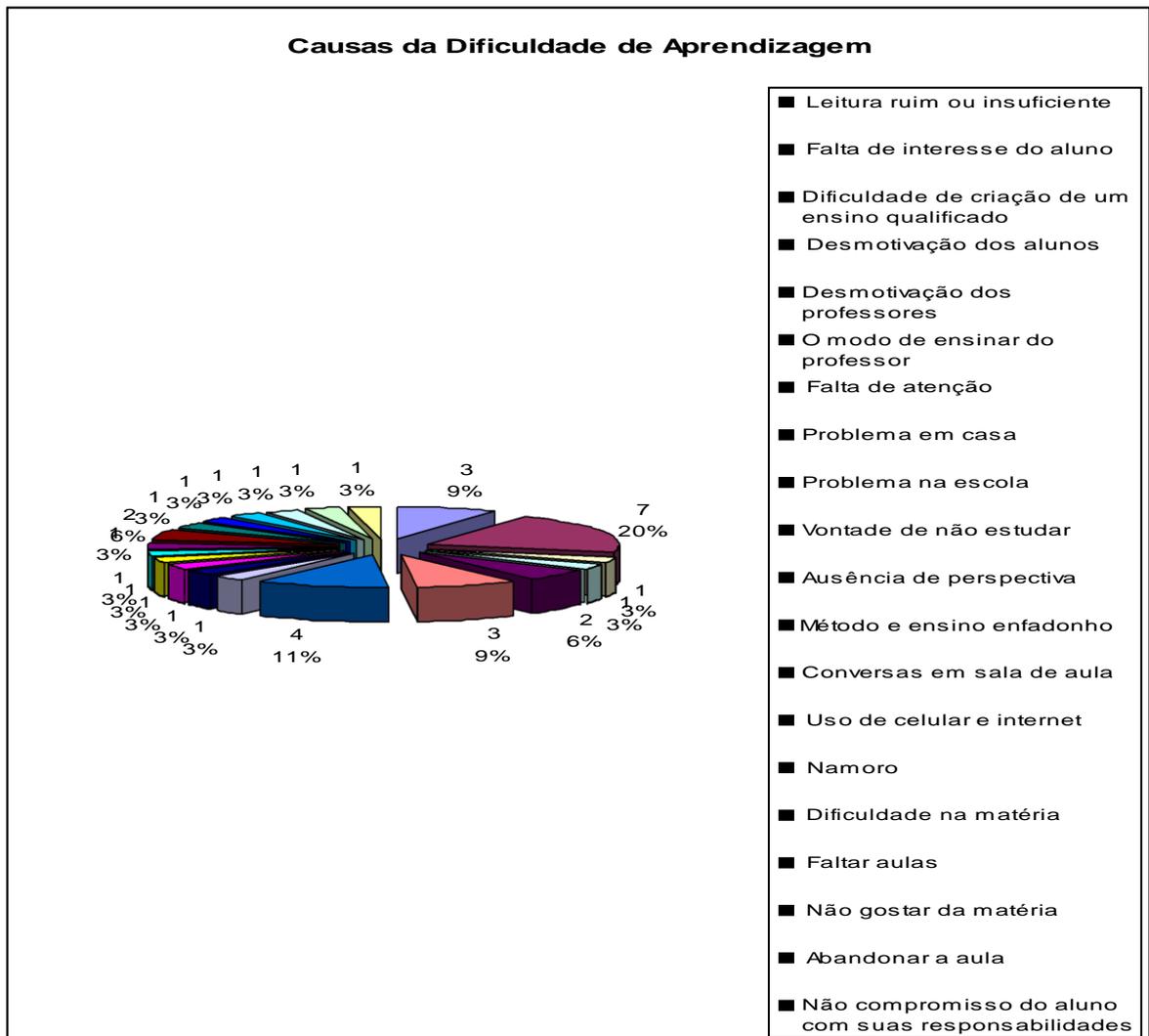
Para os professores os jovens alunos são rotulados de desinteressados pelos conteúdos escolares, apáticos, indisciplinados, alguns violentos, tidos como de baixa cultura, com sexualidade exacerbada e alienada, e consumistas. Portanto, não capazes de aprender ou apreender quaisquer conteúdos.

Já os alunos dão testemunho de uma experiência pouco feliz no ambiente escolar, especialmente quando se trata de aulas e professores: aulas chatas e sem sentido prático, professores despreparados e «sem didática», autoritarismos de docentes e administradores, espaços pobres e inadequados, ausência de meios educacionais (principalmente acesso a computadores e internet), ausência de atividades culturais e passeios.

Quanto à coleta de dados, a realidade dos alunos entrevistados, em relação à repetência, é positiva, considerando que 75% dos alunos, ou seja, 18 alunos, não repetiram de ano (a maioria); 21% repetiu, no caso 05 alunos; e apenas 4%, 01 aluno, desistiu. O gráfico seguinte aponta esses dados:



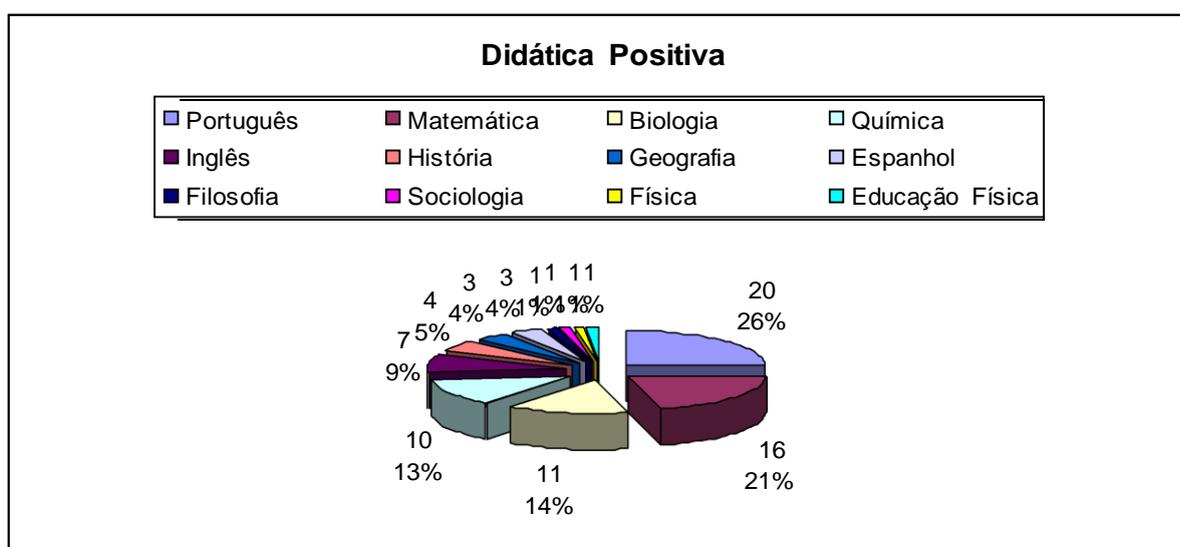
O próximo gráfico aponta as principais causas da dificuldade de aprendizagem, segundo os alunos:



Os dados apresentados são bastante heterogêneos, considerando que cada aluno não apontou apenas uma causa para a dificuldade de aprendizagem, mas pelo menos duas, ou três causas. Vejamos: 07 alunos optaram por falta de interesse do aluno (20%); 04 alunos por falta de atenção (11%); 03 alunos leitura ruim ou insuficiente e/o modo de ensinar do professor (9%) cada item; 02 alunos, uso de celular/e conversas em sala de aula (6%); 01 aluno para cada item citado (3%): abandonar a aula, ausência de perspectiva, desmotivação dos professores, desmotivação dos alunos, dificuldade de criação de um ensino qualificado, dificuldade da matéria, faltar as aulas, método e ensino enfadonho, namoro, não compromisso do aluno com suas responsabilidades, não gostar da matéria, problema em casa, problema na escola, vontade de não estudar.

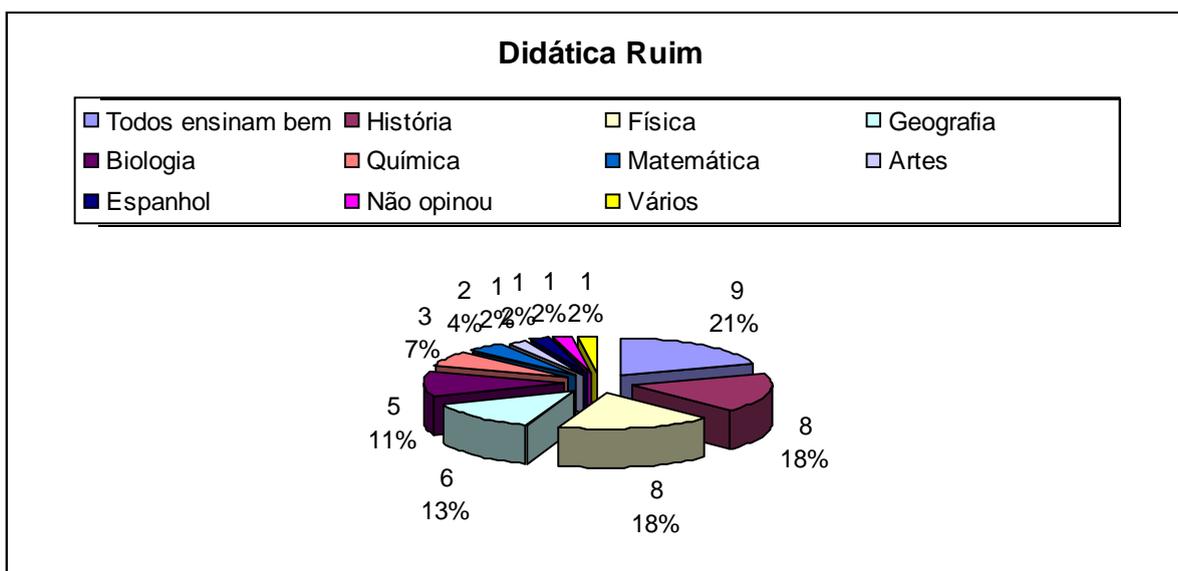
Concluimos, aqui, que se faz necessário que Gestores e Professores busquem soluções eficientes para que os alunos mostrem interesse pelo ensino e aprendizagem.

Em se tratando da didática aplicada pelos professores e que realmente surte efeito, segundo opinião dos alunos, 20 alunos (26%) apresentaram as aulas de Língua Portuguesa como tendo uma didática positiva; com Língua Inglesa, 16 alunos (21%); Biologia, 11 alunos (14%); Química, 10 alunos (13%); Matemática, 07 alunos (9%); História, 04 alunos (5%); Espanhol e Geografia 03 alunos (4%) para cada disciplina; Educação Física, Filosofia, Física e Sociologia com apenas 01 aluno cada disciplina (1%). Lembramos que aqui, também, alguns alunos apontaram mais de uma disciplina como sendo ministrada positivamente pelo professor.

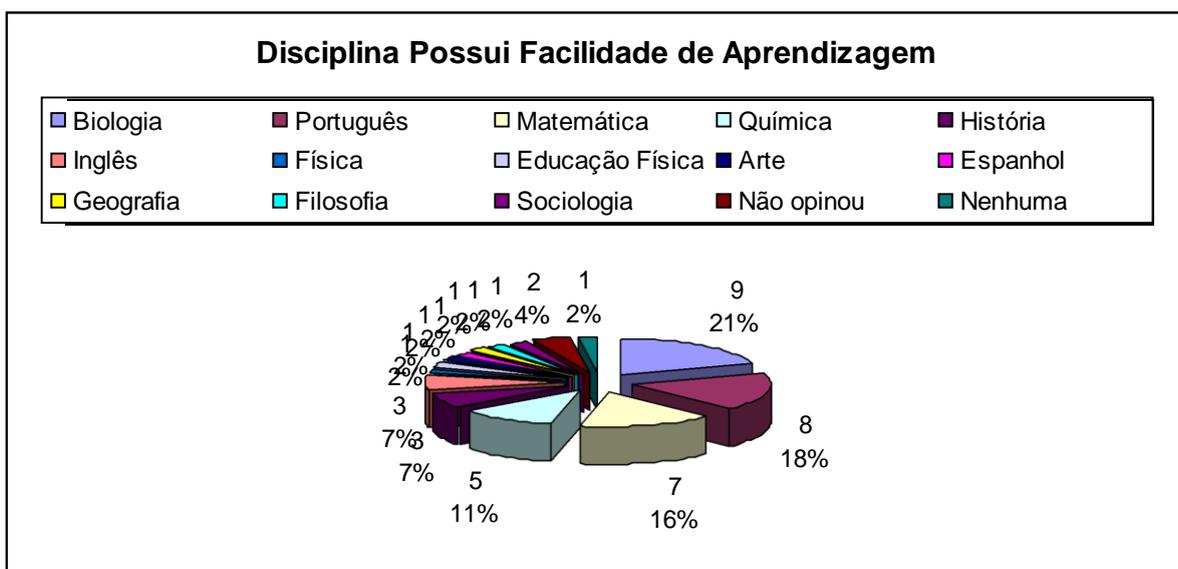


Quanto às aulas que apresentam uma Didática Ruim ministrada pelo professor, temos os seguintes dados: 09 alunos citam que todos ensinam bem (21%); 08 alunos apontaram

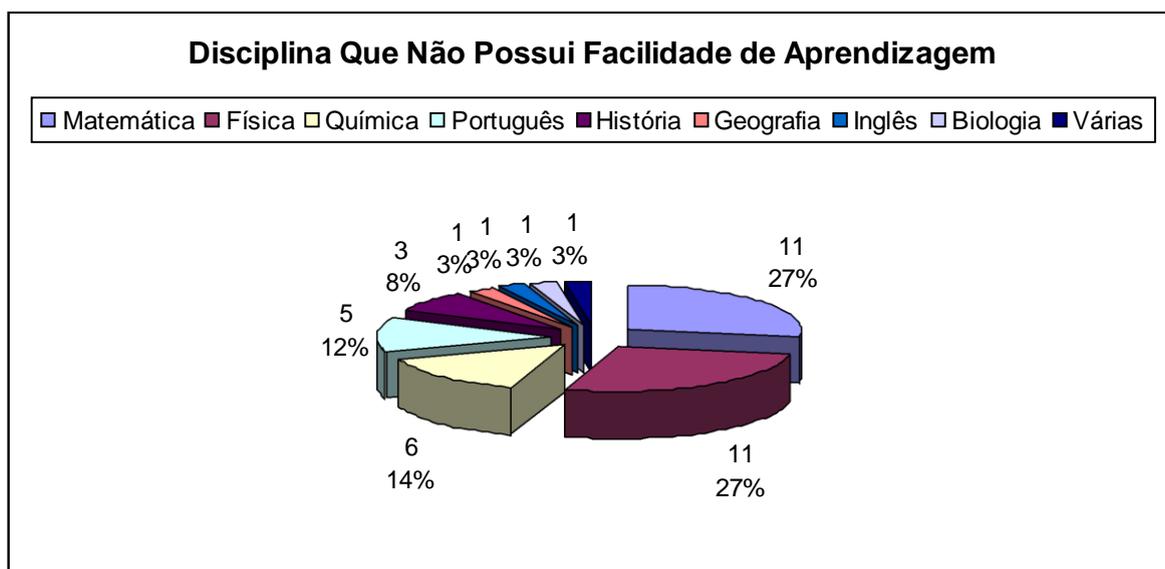
Física (18%); 08 História (18%); 06 alunos Geografia (13%); 05 alunos Biologia (11%); 03 alunos Química (7%); 02 alunos Matemática (4%); 01 aluno, apenas, nas Disciplinas Artes, Espanhol, Não opinou e vários (2% cada item citado).



Quanto às disciplinas que os alunos possuem facilidade de aprendizagem, temos: Biologia, 09 alunos (21%); Português, 08 alunos (18%); Matemática, 07 alunos (16%); Química, 05 alunos (11%); Inglês e Sociologia, 03 alunos cada (7%); Não opinou, 02 alunos (4%); Arte, Educação Física, Espanhol, Filosofia, Física, História, 01 aluno para cada disciplina (2%).



De acordo com os números apresentados, sobre as disciplinas que os alunos não têm facilidade de aprendizagem, temos: Física e Matemática, 11 alunos cada (27%); Química, 06 alunos (14%); Português, 05 alunos (12%); História, 03 alunos (8%); Biologia, Geografia, Inglês, Várias, 01 aluno em cada disciplina (3%).



Constatou-se, de um modo geral, que o professor(a) de língua portuguesa foi considerado o que melhor apresenta uma didática positiva para o processo de ensino e aprendizagem (20 alunos), seguido do professor(a) de língua inglesa (16 alunos), biologia (11 alunos) e química (10 alunos). Componentes como sociologia e filosofia, importantíssimos para o processo de construção de um pensamento crítico em relação à realidade social, apresentaram apenas um aluno, para cada disciplina, que considera a didática utilizada como sendo benéfica e ideal para o entendimento dos assuntos tratados.

Em relação à didática considerada ruim para o processo de ensino e aprendizagem de determinadas matérias/disciplinas, a utilizada nas aulas de física e história (08 alunos para cada) foram consideradas as piores. No entanto, 09 alunos responderam que todos os professores desenvolvem em sala de aula uma didática favorável ao entendimento e à aprendizagem de determinada disciplina.

Pelos dados apresentados, verificamos que as disciplinas/matérias que os alunos têm mais facilidade de aprendizagem são: Biologia (09 alunos), Português (08 alunos) e Matemática (07 alunos). Quanto às disciplinas que possuem maior dificuldade de aprendizagem, apresentaram física e matemática (11 alunos para cada), exatamente componentes que utilizam cálculos, seguido de química (06 alunos). Outras disciplinas

também foram apontadas, como português, história etc. Interessante é que a disciplina matemática, contraditoriamente, aparece como uma daquelas que os alunos consideram mais fáceis de aprender e, ao contrário, também como uma das mais difíceis.

Ora, sabemos que as dificuldades de aprendizagem podem ter várias explicações. Para Correia e Martins (2012), nos últimos anos, o número de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem teve um aumento significativo. Porém, é importante compreendermos que existe um conjunto de fatores que contribuem para esse crescimento, como, por exemplo, a incompreensão do conceito por parte dos profissionais, falta de formação e, juntamente a ela, falta de habilidade para trabalhar com a dificuldade de aprendizagem.

Também é necessário entender que no ambiente escolar se faz primordial o reconhecimento de cada aluno com a sua subjetividade, com seu mundo a aprender e suas dificuldades. Ou seja: os alunos não aprendem da mesma forma e com o mesmo tempo. Do mesmo modo, alguns conteúdos são melhores assimilados por determinados alunos, e outros, também, por outros alunos. A didática desenvolvida pelo professor também pode contribuir ou atrapalhar/dificultar a aprendizagem dos alunos.

4.4.2. O aluno estudante/leitor

Sabemos o quanto é significativo a importância dos hábitos de estudo, bem como é muito importante todos os alunos terem um horário definido de estudo. Para o horário dedicado aos estudos ficar bem feito é preciso, antes de tudo, que ele seja organizado, ou seja, criando uma rotina de estudo e organizando o tempo para a realização do estudo e/ou tarefas. Obviamente que, seguindo esses passos básicos e imprescindíveis, cria-se o hábito de estudo e, como consequência, o prazer e necessidade de seguir essa rotina.

É nesse sentido que perguntamos aos alunos se eles têm o hábito de estudar e, caso positivo, se também têm o horário definido para dedicação dos estudos. Aqueles que não apresentam hábito de estudo apresentaram os motivos. Vejamos que 14 alunos informaram que têm o hábito de estudar, geralmente no turno da noite. Desses alunos, 01 informou que estuda todos os dias duas horas e outro 03 horas. Vejamos algumas respostas:

Sim. Gosto de rever assuntos que foram abordados na escola, repasso em casa, no fim da tarde. (aluno de 16 anos)

Sim. Independentemente da disciplina e das minhas ocupações, estudo mais à noite.
(aluno de 16 anos)

Em relação aos alunos que não têm o hábito de estudar (07 alunos), um estuda apenas no período das avaliações. Outra acredita que o estudo na escola já é suficiente e não quer se sobrecarregar. Um aluno diz que não gosta de estudar. Também há quem diga que não tem tempo para estudar em casa. Outra aluna informou que a internet “não deixa” ela se concentrar nos estudos, pois prefere navegar nos sites.

Os outros 03 alunos informaram que não têm uma rotina de estudos definida, que apenas estudam às vezes, quando sente vontade, por exemplo. Um aluno argumentou que faz cursos extras e por isso estuda raramente e o outro que o computador, juntamente com a navegação da internet, são prioridades e por isso não estuda.

Quanto à pergunta que questiona se os alunos costumam estudar em grupo ou não, 16 alunos informaram que não, 06 que estudam em grupo, e 02 alunos que fazem isso às vezes. Àqueles que estudam em grupo fazem isso quando sentem dificuldade em entender uma matéria, para responderem questões juntos e comentar os resultados ou quando se encontram na biblioteca. Abaixo, uma das respostas:

Sim. Muito bom estudar em grupo com amigos, pois incentiva mais a estudar e tira as tentações da internet. (aluno de 17 anos)

Em relação aos dados constatados sobre os hábitos de estudo, um chamou bastante atenção: a internet como vilã, atrapalhando a concentração dos alunos. É certo que o uso excessivo de tecnologia atrapalha o aprendizado dos jovens, e quanto à internet pode atrapalhar ou ajudar os alunos, mas isso depende, também, da disciplina ou organização do tempo para o uso (navegação) da mesma. Enquanto benefícios, podemos colocar os sites de busca, muito importante para pesquisas, desde que os alunos não cometam plágios, ou seja, cópias de textos. Porém, os sites de relacionamento, principalmente, são usados com muita frequência, e muitas vezes excessivamente. Não é raro encontrar um aluno que prefira navegar e bater papo pela internet do que estudar, tarefa essa considerada chata e sem graça, principalmente para quem não tem o hábito de estudar.

Outra pergunta foi sobre a leitura. Sobre o assunto, perguntamos se o aluno gostava de ler. 18 alunos falaram que sim, 03 que não e 03 que às vezes gostava de ler. A leitura,

segundo os alunos da pesquisa, pode ocorrer em revistas, livros, gibis e na internet. Quanto ao gênero textual, preferem ler poemas, dramas, romances, ficção científica etc.

Obviamente, a importância da leitura se faz presente no nosso universo desde aquele momento em que começamos a conhecer ou compreender o mundo que nos cerca. O hábito de ler, assim como o hábito de estudar, deve ser estruturado e legitimado, desde a infância, objetivando que o indivíduo aprenda cedo que ler é algo importante e prazeroso, podendo fazê-lo uma pessoa dinâmica e perspicaz, ampliando seus horizontes nas expectativas de vida. Ora, a leitura é importantíssima na formação de cidadãos informativos e críticos na sociedade, pois ela possibilita ampliar e diversificar a visão e a interpretação sobre o mundo.

O aluno que tem contato com a leitura de jornais, livros etc., com certeza terá um melhor desempenho nos resultados da escola. É por isso que a leitura precisa ser vista com seriedade e um tempo de estudo precisa ser reservado para a prática de ler.

É importante, então, que os pais incentivem seus filhos a gostarem de ler desde crianças, estipulando no cotidiano doméstico tanto o hábito de leitura, como, também, de estudos.

4.4.3. A importância da presença dos pais no âmbito escolar

É fundamental a participação dos pais no ambiente escolar, uma vez que essas visitas levam os filhos a compreenderem que eles contribuem para o sucesso de sua escolaridade, pois podem influenciar de forma efetiva nos aspectos positivos do ensino e da aprendizagem para o desenvolvimento escolar de seus filhos.

A família precisa conhecer o ambiente escolar onde o filho passa boa parte de seu tempo, pois devem estar atentos ao rendimento de seus filhos, precisam participar de reuniões, fazer parte do conselho escolar e, ainda, na tomada de decisão no que diz respeito a parte administrativa, pedagógica e financeira da escola.

No entanto, há pais que só vão à escola quando são convidados, não veem que a escola em os filhos estudam é importante para o crescimento social e intelectual dos mesmos, para que cresçam como cidadãos conscientes do papel que irão exercer na sociedade em que estão inseridos. Normalmente, os pais quando são convidados para as reuniões bimestrais alegam que não têm tempo.

Portanto, pode-se dizer que a escola faz parte da vida cotidiana do aluno e a família deve, portanto, se esforçar em estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos. Presença que implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Deve estar atenta a dificuldades não só cognitivas, mas também comportamentais. Deve estar pronta para intervir da melhor maneira possível, visando sempre ao bem de seus filhos, mesmo que isso signifique dizer sucessivos “nãos” às suas exigências. Em outros termos, a família deve ser o espaço indispensável para garantir a sobrevivência e a proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como se vêm estruturando. (KALOUSTIAN, 1988)

Pode-se dizer que a escola é um prolongamento do lar, onde o aluno se socializa com os outros e partilha o seu dia-a-dia. Assim, a colaboração e interação dos pais com os professores ajuda a resolver muitos dos problemas escolares dos seus educandos, que vão surgindo ao longo do seu percurso escolar, principalmente quando os filhos estão entrando na adolescência e sentem que têm o “mundo nas mãos” e não medem os efeitos de seus atos.

O comparecimento e o envolvimento dos pais devem ser permanentes e, acima de tudo, construtivos, para que a criança e o jovem possam se sentir amparados, acolhidos e amados. E, do mesmo modo, deve-se lutar para que pais e escola estejam em completa sintonia em suas atitudes, já que seus objetivos são os mesmos. Devem, portanto, compartilhar de um mesmo ideal, pois só assim realmente estarão formando e educando, superando conflitos e dificuldades que tanto vêm angustiando os professores, como também pais e os próprios alunos.

Sobre o assunto, e entendendo que os pais têm grande importância na construção do hábito de estudar dos seus filhos, perguntamos aos alunos se seus pais os incentivam a estudar. A maioria dos alunos, 23 deles, informou que sim, e apenas 01 que não. O aluno que respondeu não, disse que seus pais não incentivam ao estudo porque não têm muita leitura, no sentido de que “quem não tem leitura não sabe a importância de tê-la”. Vejamos a seguir algumas respostas sobre essa questão:

Sim. Para que a minha vida seja melhor do que a deles. (aluna de 18 anos)

Sim. Falando que só temos um futuro bom se estudarmos. (aluno de 17 anos)

Sim. Pois eles conversam comigo, dando conselhos que sem os estudos não seremos ninguém no futuro, e que irei me arrepender se não estudar. (aluno de 16 anos)

Sim. Orientando sobre a importância de estudar e as oportunidades que o estudo pode nos beneficiar no futuro. (aluna de 15 anos)

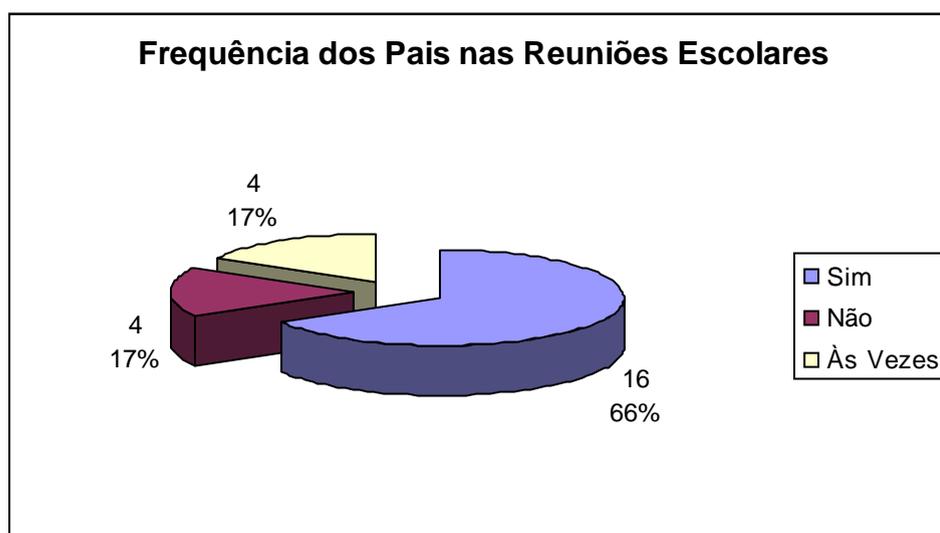
Sim. Eles sempre falam que o estudo é o bem mais precioso que tem, que temos que ter isso na nossa vida. (aluna de 16 anos)

Sim. Incentivam procurando saber qual meu desempenho escolar e me aconselham nos estudos. (aluno de 16 anos)

Sim. Me dizendo que o estudo é o pilar da sociedade. (aluno de 16 anos)

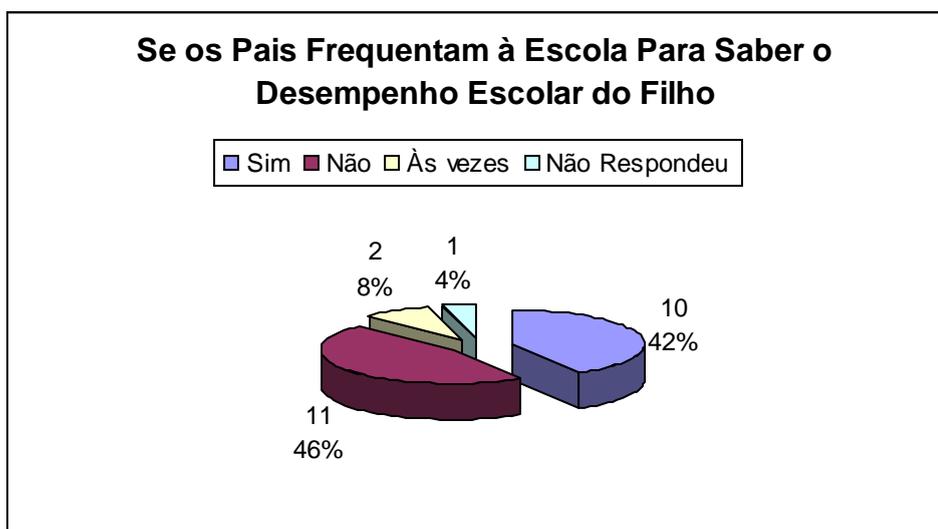
Sim. Desde o princípio eles me educaram que só estudando poderia exercer e realizar os meus sonhos. Assim, desde o início, estudar tornou-se tendência. (aluna de 17 anos)

Quanto à frequência dos pais na escola, vejamos os resultados no seguinte gráfico:



De acordo com os dados apresentados no gráfico acima, 16 alunos (66%) têm pais que frequentam às reuniões escolares; 04 alunos (17%) responderam que os pais não participam de reuniões escolares; e 04 alunos (17%) responderam que às vezes os pais participam das reuniões escolares.

Também foi solicitado aos alunos que respondessem se seus pais costumam frequentar a escola para saber como está seu desempenho escolar. Vejamos as respostas:



10 alunos responderam que frequentemente vão com esse objetivo (46%); 11 alunos responderam que os pais não procuram a escola (46%), 02 alunos responderam que às vezes eles iam à escola (8%); e apenas 01 aluno (4%) não deu resposta.

O que podemos constatar é que a maioria dos pais vai à escola apenas quando são convidados para participarem das reuniões escolares. Sabemos que pais mais comprometidos com o desempenho dos seus filhos na escola, evitam que os mesmos sejam reprovados.

4.4.4. Problematizando o fracasso escolar e sua relação com processo de ensino aprendizagem

Quando falamos de fracasso escolar, procuramos elencar os fatores que favorecem a sua origem, entretanto podemos determinar como causa do fracasso escolar a ausência de um currículo eficiente que mantém o aluno no contexto escolar que envolva o ensino e a aprendizagem.

Para Arroyo (2000), o tema fracasso-sucesso escolar está posto pela realidade social com toda premência. No nosso entender, o que resulta pouco atraente não é o tema que continua desafiante, mas a forma de encará-lo. O que continua preocupante não é apenas a teimosia com que se repetem por décadas os mesmos índices de reprovação, mas, também, a teimosia em continuarmos fazendo as mesmas análises clínicas e individuais, como se estivéssemos diante de uma epidemia, uma doença crônica que se impõe à nossa competência profissional e à nossa ousadia pedagógica. Esse caráter objetivo, anterior, do fracasso, como algo externo ao processo de ensino e à sua organização, parece-me um dos aspectos mais preocupantes.

O fracasso escolar está ligado ao sistema educacional, que não procura identificar os problemas da falta de aprendizagem, senão impor conteúdos que são alheatórios à vivência dos alunos. E isso está levando-os a evasão e a repetência escolar. Às vezes buscamos os culpados, como alunos, família, professores, ou seja, todos que formam o contexto da escola. No entanto, precisamos adentrar no que realmente está causando o fracasso escolar que leva o aluno a não ter a crença no que faz.

Sobre o assunto, inicialmente perguntamos o que é fracasso escolar. Os alunos responderam o seguinte:

Uma aula sem graça que deixa os alunos com sono e sem vontade de aprender. (aluna de 18 anos)

Professores não capacitados. (aluna de 17 anos)

E passar o ano todo estudando, para quando chegar no final do ano reprovar. (aluno de 17 anos)

Para mim fracasso escolar é algo que a escola fracassou e não teve como recuperar diante das consequências ruins. (aluno de 16 anos)

É quando o aluno não supera, ou seja, não tira as notas que eles queriam. (aluna de 18 anos)

É a dificuldade que o colégio tem em desenvolver a disciplina e a educação. (aluno de 16 anos)

Fracasso escolar, na minha opinião, é quando os professores não se empenham para uma melhor educação. (aluno de 16 anos)

De acordo com as respostas dadas à entrevista realizada com os alunos do 3º ano do ensino médio, podemos constatar que não há um fator decisivo para o fracasso escolar, uma vez que tanto a escola, como os professores e alunos contribuem para que isso aconteça.

Verificamos, ainda, que o ensino não é de qualidade, já que citam que o aluno não é interessado, pois não há aprendizagem, o que o condiciona a não ter perspectiva para cursar uma universidade, pois informam que os professores não são capacitados e isso, levando-o a não acreditar que a escola possa torná-los cidadãos conscientes de exercerem o seu papel na sociedade, uma vez que a escola desprepara mais do prepara o seu alunado.

Quanto às causas do fracasso escolar, responderam o seguinte:

Aulas vagas, muitas paralisações. (aluna de 17 anos)

Falta de interesse e irresponsabilidade dos alunos (whatsapp, facebook). (aluno de 16 anos)

A falta de atenção, que por causa dos celulares. (aluna de 16 anos)

Os desentendimentos, a falta de interesse dos alunos e de professores qualificados. (aluno de 16 anos)

Alunos desmotivados e professores sem interesse na educação. (aluna de 16 anos)

Conversar quando os professores estão explicando, ou seja, falta de atenção nas aulas. (aluno de 16 anos)

Não se interessar em estudos e ligar mais as coisas do mundo do que os estudos. (aluno de 17 anos)

O mau acompanhamento da família para com o indivíduo. (aluno de 16 anos)

Ao analisarmos as respostas dos alunos, verificamos que não veem o ensino como meio de aquisição do conhecimento, uma vez que se mostram desinteressados nas aulas, pois são desmotivados pelas aulas vagas e paralisações constantes.

O elemento fundamental é o uso de celulares que tomam sua atenção, fazendo com que se dispersem no momento da explicação dos professores.

A ausência da família na escola também implica o fracasso escola, já que quando esta visita a escola em que seus filhos estudam, estes se sentem mais protegidos, e cobrados, percebendo que querem o melhor para eles.

Tomando como análise a pergunta “a escola que você estuda é interessante para o ensino e a aprendizagem?”, tivemos as seguintes respostas:

Sim. Ainda oferece os melhores professores, oferece uma boa aprendizagem. (aluna de 18 anos)

Sim. Considero porque os professores ensinam muito. Trabalham com redação, cálculos, entre outros através de um bom estudo. (aluno de 16 anos)

Sim. Têm boas aulas, disciplinas e professores bons, isso contribui para um bom desempenho do aluno. (aluno de 16 anos)

Sim. Os professores ensinam bem e a escola tem uma direção muito boa. (aluna de 15 anos)

Sim. Pois ela nos oferece um amplo conhecimento sobre várias áreas do estudo. (aluna de 16 anos)

Sim. Porque eles se interessam no futuro dos alunos e procuram da o melhor de si. (aluna de 17 anos)

Sim. Na escola temos várias coisas, como bibliotecas e vários laboratórios. (aluna de 16 anos)

Sim. Porque exige muito do aluno e ensina bem e nos deixa preparado para o ENEM. (aluno de 16 anos)

As respostas dadas pelos alunos mostram que a escola em que estudam é fundamental para o ensino e a aprendizagem, uma vez os professores são os melhores, pois se interessam pelo futuro de seus alunos, orientando-os para as habilidades que são exigidas na prova do ENEM (EXAME NACIONAL DE ENSINO MÉDIO).

Outro condicionante importante, é que a escola possui biblioteca e laboratório que são necessários para o ensino de qualidade e para a aprendizagem dos alunos.

Quanto à melhoria do ensino e da aprendizagem a escola poderá oferecer o seguinte:

Oferecendo um bom ensino e melhorassem as disciplinas e na aprendizagem explicar mais porque temos muitas dificuldades. (aluno de 16 anos)

Tirar as aulas de macrocampo e colocar aulas ensinando questões para vestibular. (aluno de 17 anos)

Os professores ensinarem de forma criativa; para as aulas serem distraídas. (aluna de 17 anos)

Mais aulas interativas que pudesse despertar a vontade de estudar de cada aluno. (aluna de 17 anos)

Matérias, professores capacitados, uma boa alimentação. (aluno de 16 anos)

Tentar ajudar ao aluno que mais tem extrema dificuldade, ter mais uma aula extra para nos ajudar. (aluna de 18 anos)

Ter um laboratório científico mais organizado. (aluno de 16 anos)

Diante das respostas dos alunos, percebemos que os professores precisam trabalhar a partir das dificuldades que eles apresentam, pois sentimos que veem a educação como continuidade para o ingresso na vida universitária e daí a necessidade de assistirem aulas voltadas para os conteúdos do ENEM, focando o ensino de acordo com as disciplinas que apresentam dificuldade de aprendizagem.

Aulas interativas são bem vindas, pois permitem a socialização dos conteúdos dentro de uma visão globalizado, ou seja, explicando o porquê da inserção daquele conteúdo para a vida dos alunos, pois quando aqueles são desassociados do mundo em que estão inseridos, torna-se difícil o ensino e deficiente a aprendizagem.

Finalmente, perguntamos aos mesmos quais as suas expectativas de futuro quando concluírem o 3º ano do ensino médio.

Primeiramente entrar na faculdade, me formar no curso desejado e ser alguém na vida. (aluna de 17 anos)

Cursar ensino superior na área de saúde e procurar crescer nesse meio que para mim é motivante e prazeroso. (aluna de 17 anos)

Primeiro numa faculdade e formarem Direito. (aluna de 17 anos)

Passar para faculdade e ser alguém na vida realizar um sonho, se formar em Psicologia e ser alguém sociedade. (aluna de 18 anos)

Ingressar no curso de ciência da computação e concluí-lo. (aluno de 16 anos)

Eu não sei ainda, pois não me decidi estou procurando a profissão que eu me identifique, mas não tenho planos. (aluna de 17 anos)

Me formar na profissão, que quero e dar o melhor para minha mãe. (aluna de 18 anos)

Quando concluir o 3º ano, quero realizar o meu sonho de quando, que sempre sonhei na minha adolescência, mas primeiro tenho que passar no vestibular. (aluno de 16 anos)

Pelo material apresentado, fica evidente que os alunos têm um sonho e para que se torne realizado os professores precisam estar cientes do trabalho que estão fazendo, pois devem perceber que a partir do que está sendo explícito no dia a dia na sala de aula, pode mudar definitivamente o contexto social em que os alunos estão inseridos, pois estes precisam perceber que os mestres realmente estão preocupados com o ensino de qualidade e uma aprendizagem que visa ao futuro.

Percebemos que os alunos não estão de brincadeira, pois sabem que existem cursos universitários que os levam ao sucesso, mas os professores, como norteadores do ensino e da aprendizagem, devem direcioná-los ao encontro desse norte. Mostrar os caminhos que devem seguir, esclarecendo que para ser um profissional de sucesso e comprometido com a função escolhida, devem fazer um curso universitário focado no seu objetivo, independentemente da formação escolhida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades de aprendizagem estão inseridas num contexto de muitas discussões, inversões de papéis, paradigmas e de uma realidade evidente em nosso meio escolar, pois o que temos observado é que temos discutido sobre o fracasso do educando como resultado de um processo de aprendizagem falho, que requer ações concretas para o cotidiano da escola.

Ao colocarmos em evidência as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar, estamos envolvendo todos os que no processo de aprendizagem estão inseridos. De fato, ao colocarmos na pesquisa a visão do educando sobre o que estão aprendendo no cotidiano da escola e de como a mesma motiva a aprendizagem, estamos descentralizando a visão de que o problema está somente no educando, pois criamos espaços de discussões dialogando com as possibilidades e com os conflitos do educando para aprender.

Retomamos também o papel da escola e sua função social na construção da aprendizagem. Como a escola tem lidado com o fracasso? Observamos que existe todo um aparato teórico para tratar o tema; no entanto, a prática cotidiana imprime uma realidade totalmente diferente. A escola precisa traçar ações e metas mais consistentes que envolva uma aprendizagem significativa com menos burocracia e mais realidade quando se trata de aprender.

Temos, também, ao longo da pesquisa, questionado a relação existente entre aluno,

professor e o currículo num momento em que se discute um currículo integrado com eixos norteadores que contemplem a cidadania, a tecnologia, a cultura, o letramento, enquanto prática social e outros itens. No entanto, a prática da sala de aula ainda se mantém tradicional, com sistemas de avaliações arcaicas para atender a progressão do educando para as séries ou com finalidade acadêmicas.

Em suma, ao tratarmos das dificuldades de aprendizagem e os fatores que contribuem para o fracasso escolar temos que direcionar um olhar multilateral em que sejam colocadas em pauta a visão de todos que estão inseridos nessa conjectura para que o fracasso ou a ausência de uma aprendizagem significativa não esteja refletida apenas em um elemento que faz parte do sistema, mas que esse sistema seja avaliado como um todo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho pedagógico**. São Paulo: Biotempo, 2000.

ARROYO, M. Fracasso-Sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da Educação básica. In: ABRAMOWICS, A. E Moll., J. (orgs.) **Para além do fracasso escolar**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2000. p.11-26.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra! In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

CECCON, C.; Oliveira, M. D. de; Oliveira, R. D. de. **A vida na escola e a escola da vida**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

CORREIA, L. M.; MARTINS, A. P. **Dificuldades de aprendizagem**: que são? Como entendê-las? Disponível em: [57234_dificuldade_de_aprendizagem.pdf](#)>. Acesso em: 09 mai. 2013.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

COSTA, D. A. F. **Fracasso escolar**: diferença ou deficiência? Porto Alegre: Kuarup, 1994.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 9. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DOLL JR., W. E. **Currículo**: uma perspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2008.

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 24 ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2001.
- KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira, a base de tudo.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola.** Goiânia: Alternativa, 2002.
- LUCK, H. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar.** São Paulo: Cortez, 2002.
- MADALÓZ, R. J.; SCALABRIN, I. S.; JAPPE, M. O fracasso escolar sobre o olhar docente: alguns apontamentos. **IX ANPED SUL.** Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.
- MINAYO, M. C. S. et al. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1993.
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. In: **Caderno de Pesquisas em Administração,** São Paulo, v. 1, n 3, 2 semestre, 1996.
- PAIN, S. **Subjetividade e objetividade: relação entre desejo e conhecimento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- PAROLIN, I. C. H. **Pais e Educadores: quem tem tempo de educar?** Porto Alegre: Mediação, 2005.
- PILETTI, N. **Psicologia Educacional.** 10 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- SILVA. R. C. **Educação e qualidade.** Piracicaba, SP: Unimep, 1995.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- TORRES. R. M. Repetência Escola: Falha do aluno ou Falha do Sistema? In: GIL, C. H. MARCHESI, A. (org). **Fracasso escolar: uma Perspectiva Multicultural.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- VASCONCELLOS, C. dos S. **Superação da lógica classificatória e excludente da avaliação.** Do “é proibido reprovar” ao “é preciso garantir a aprendizagem”. v 05, 2 ed. São Paulo: Libertad, 1998. Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad.
- WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ZANELLA, L. Aprendizagem: uma introdução. In: ROSA, J. de L. **Psicologia e educação: o significado do aprender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

<p>1. Idade: _____ anos</p> <p>2. Sexo</p> <p>() Feminino</p> <p>() Masculino</p> <p>3. Cor/Raça:</p> <p>() Branca</p> <p>() Negra</p> <p>() Parda</p> <p>() Indígena</p> <p>() Outra _____</p> <p>4. Estado Civil:</p> <p>() Solteiro(a).</p> <p>() Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a).</p> <p>() Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a).</p> <p>() Viúvo(a)</p> <p>5. Onde você nasceu? _____</p> <p>6. Religião:</p> <p>() Católica</p> <p>() Evangélica</p> <p>() Espírita</p> <p>() Candomblé/umbanda</p> <p>() Sem religião/ateu</p> <p>() Sem religião/acredita em Deus</p> <p>() Outra _____</p>
--

7. Você repetiu de ano alguma vez? Se positivo, quantas vezes?
8. Caso tenha repetido de ano, quais foram as causas, na sua opinião? (apenas perguntar se o aluno informar que já repetiu de ano)
9. Você nunca repetiu de ano, mas quando um aluno repete de ano você acredita por foi por qual(is) causa(s)? (apenas perguntar se o aluno informar que nunca repetiu de ano)
10. Para você, quais as principais causas da dificuldade de aprendizagem?
11. Há algum(ns) professor(es) que você considera que desenvolve(m) uma didática muito boa que facilita a aprendizagem? Se positivo, é(são) professor(es) de qual(is) disciplina(s)?
12. Há algum(ns) professor(es) que você considera que desenvolve(m) uma didática muito ruim que dificulta a aprendizagem? Se positivo, é(são) professor(es) de qual(is) disciplina(s)?
13. Qual(is) disciplina(s) você possui maior facilidade para aprendizagem? Por quê?
14. Qual(is) disciplina(s) você possui grande dificuldade para aprendizagem? Por quê?
15. Você tem o hábito de estudar em casa? Se positivo, tem horário definido para o estudo? Se negativo, por que não tem o hábito de estudar?
16. Estuda em grupo, com seus colegas? Se positivo, como ocorre esses estudos?
17. Gosta de ler? Se positivo, indique o que você costuma ler.
18. Seus pais o incentivam ao estudo? Se positivo, de qual forma? Se negativo, você acredita

que esse não incentivo ocorre por quais motivos?

19. Seus pais costumam frequentar a escola para as reuniões oferecidas pela mesma?

20. Seus pais costumam frequentar a escola para saber como está o seu desempenho nos estudos? Se positivo, eles procuram quem na escola?

21. Você considera a escola que você estuda interessante para o ensino e a aprendizagem? Por quê?

22. O que a escola poderia oferecer para que o ensino e a aprendizagem melhorassem?

23. Para você o que é fracasso escolar?

24. Quais as principais causas do fracasso escolar?

25. Comparando os alunos do turno da noite com os alunos do turno da manhã, você acredita que possa ocorrer uma diferença entre a aprendizagem entre alunos da noite e alunos que estudam durante o dia? Por quê?

26. Concluindo o 3º ano, quais suas expectativas para o futuro?